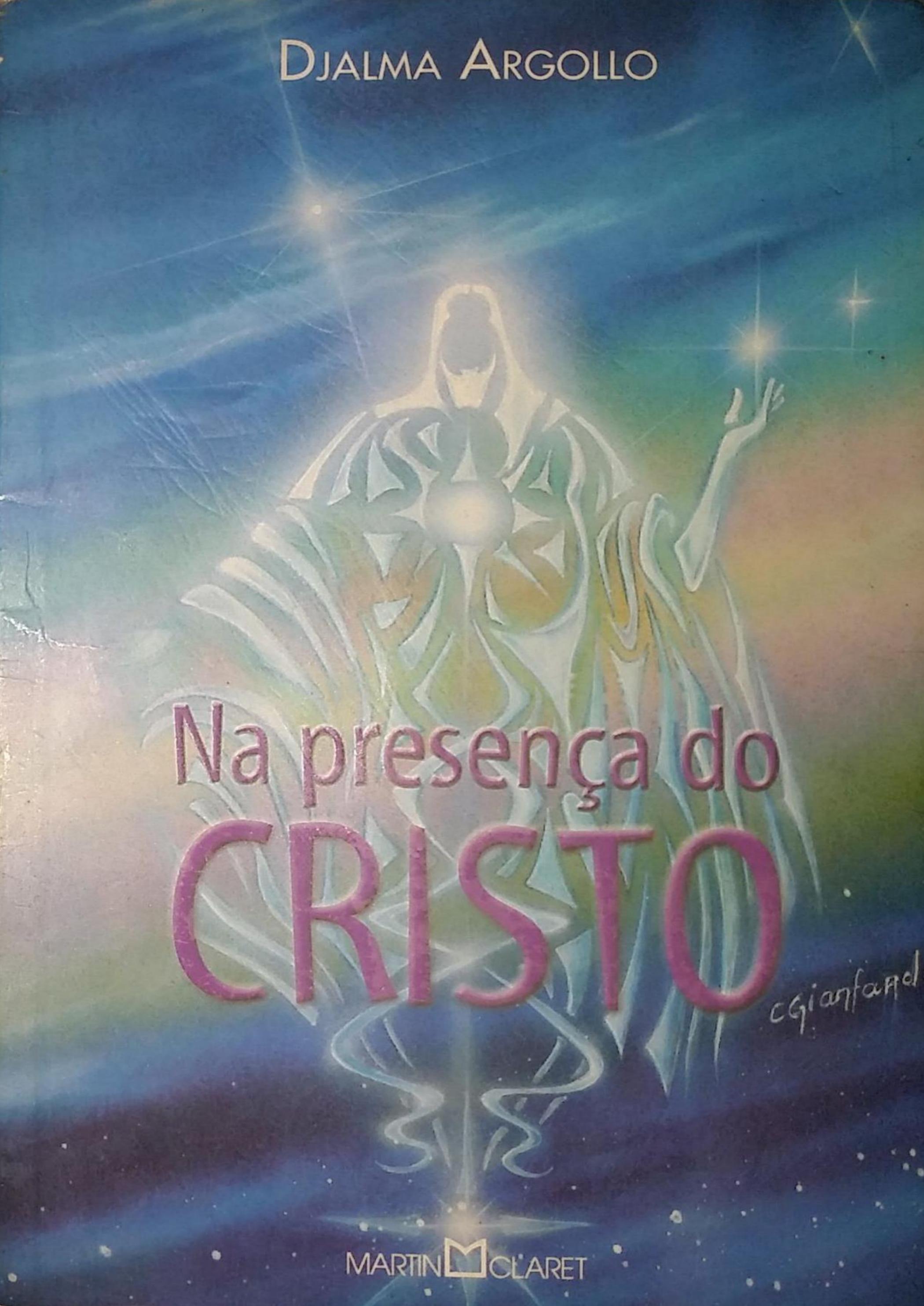


DJALMA ARGOLLO



Na presença do
CRISTO

CGianfanel

MARTIN  CLARET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Na presença de Cristo

DJALMA ARGOLLO

A vida de Jesus é fonte inesgotável de ensinamentos e estímulos para a espiritualização do ser humano. Tem servido de inspiração para autores encarnados e desencarnados, nestes milênios que passam céleres. Mas muito além de obras literárias, o Mestre, por meio dos Evangelhos que lhe guardam a mensagem, tem produzido transformações existenciais sem número nem medida. Estas, afinal de contas, eram e são o seu único

objetivo.

Devemos notar, porém, que Jesus nunca se preocupou em colocar seus ensinamentos por escrito. A verdade é que todos somos, em potência, o ser puro que um dia seremos em ato. Uma semente *só* se transforma em árvore, porque já o é potencialmente. Por isso mesmo, Jesus buscou fazer com que seus discípulos trouxessem para a vida cotidiana os nobres sentimentos que jaziam, de certa forma adormecidos, na essência espiritual pela qual, tanto eles quanto nós, somos *imagem e semelhança de Deus*. Os que ainda não entenderam o ritmo dos processos espirituais de transformação torturam-se com a aparente lentidão das mudanças sociais, tão apregoadas pelos médiuns e reveladores de todas as épocas, inclusive o próprio Mestre. Esses não meditaram o suficiente no significado da indestrutibilidade da consciência e seu processo evolutivo, de acordo com os renascimentos sucessivos.

Para haver mudança social é necessário que os pensamentos e ações dos que a defendem sejam diametralmente opostos aos dos seus adversários. É esse o princípio básico da *revolução social* de Jesus. Somente os que sejam realmente bons podem vencer os maus, sem utilizar os mesmos recursos dos oponentes. A arma do bom está na prática da virtude no mais alto grau possível.

É voltado para essa realidade que o Espírito Mnêmio Túlio tem procurado, com suas histórias centradas no poder modificador de almas do Cristo, incentivar-nos à conformação da existência com seus ensinamentos. Acredita ele, e eu também, que o papel do Consolador é de *reevangelização* do Ocidente, o que, por ser herdeiro da mensagem cristã, deveria estar num patamar moral infinitamente superior ao que apresenta na atualidade.

Rogo ao Mestre que estas páginas possam influir em minha própria transformação moral e contribuir para que seus eventuais leitores sintam a necessidade de fazê-lo também, alcançando assim a paz e a plenitude que todos almejamos.

Índice

Prefácio	!
Cap. 1 - A Misericórdia de Deus	
À beira do abismo	^
Desavenças.....	
Sonhos e visões	
Tempo de atritos	22
As pretendentes.....	24
Reencontro	27
Festa de núpcias	30
Felicidade e dor.....	
Deus de vivos.....*	
Novo reencontro.....	37
A serviço do bem	38
Renovação.....	42
Cap. 2 - Recordações	
A Galiléia	45
Kephar-Nahum.....	47
Encontro com Jesus.....^	48
O Nazareno	49
Palavras de vida	50
Cura instantânea.....	52
Discipulado	55
A derrota da morte	56
A serviço de Jesus.....	58
Cap. 3 - Lição de Tolerância	
A crise	
A pequena Miriam	
Sufrimento e morte	
A presença de Jesus	
Novos labores.....	
Equívoco e reparação.....	
Cap. 4 - Metanóia	
A luta.....J.....f.....	y;
Recebendo auxílio.....	
Diálogo com Jesus	
Em Betânia..	
Débora e Jesus.	
O convite	
Cap. 5 - Amor que resgata	
Em resgate.....	
A sublime vítima.....	
Recordações	u:::-'"
Os portais do reino	
Cap. 6 - Libertação	
O sonho	
Retomo ao passado	:
A escolha.....-	&
A crise transformadora.....	
Posfácio	
Chegando a Lyon	
Viagem mental contra o fluxo do tempo	
Os heróis da <i>fé</i>	
O druida	
O missionário do consolar	
Conclusão.....	

PREFÁCIO

A vida de Jesus é fonte inesgotável de ensinamentos e estímulos para a espiritualização do ser humano. Tem servido de inspiração para autores encarnados e desencarnados, nestes milênios que passam céleres. Muito além de obras literárias, o Mestre, por meio dos Evangelhos que lhe guardam a mensagem, tem produzido transformações existenciais sem número nem medida. Estas, afinal de contas, eram e são o seu único objetivo.

Devemos notar, porém, que Jesus mesmo nunca se preocupou em colocar seus ensinamentos por escrito. Afinal, sabia ele que tudo o que ensinava já fazia parte do patrimônio espiritual e religioso dos judeus em particular, e da humanidade em geral. Na verdade, ele nunca disse uma novidade. Todas as suas palavras podem ser rastreadas, quase que *ipsis literis*, nas páginas do Antigo Testamento. Este foi, aliás, o motivo de certos críticos das Escrituras negarem sua existência histórica, transformando-o numa figura lendária, criada pela imaginação dos que ficaram conhecidos como apóstolos. Felizmente esse erro crasso de avaliação já foi devidamente corrigido. A verdade é que todos somos, em potência, o ser puro que um dia seremos em ato. Isso é lógico, pois do *nada*, nada pode sair. Uma semente só se transforma em árvore, porque já o é potencialmente. Por isso mesmo, Jesus buscou fazer com que seus discípulos trouxessem para a vida cotidiana os nobres sentimentos que jaziam, de certa forma adormecidos, na essência espiritual pela qual, tanto eles quanto nós, somos *imagem e semelhança de Deus*.

A existência de cada discípulo do Mestre, tanto os conhecidos quanto os anônimos, foi importante fator de multiplicação do número de seguidores nos anos transcorridos após o evento da crucificação. Não foram apenas as pregações de Pedro, Tiago, João e Paulo, nem os fenômenos psíquicos por eles realizados que produziram as conversões maciças dos primeiros tempos, mas a maneira como viviam. A *práxis* evangélica foi definida por Jesus como uma revolução silenciosa e efetiva, em *analogia* curta, mas profunda: *O reino dos céus assemelha-se a um fermento, que uma mulher tomou e colocou em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado**¹

Os que ainda não entenderam o ritmo dos processos espirituais de transformação torturam-se com a aparente lentidão das mudanças sociais, tão apregoadas pelos médiuns e reveladores de todas as épocas, inclusive o próprio Mestre. Esses não meditaram o suficiente no significado da indestrutibilidade da consciência e seu processo evolutivo, de acordo com os renascimentos sucessivos. O problema não reside no *tempo*, mas na mudança qualitativa da ação individual, que se refletirá no contexto social modificando-o no mesmo sentido. O *salto qualitativo* não é fruto de mero *acúmulo quantitativo* — como pretende a Lógica Dialética —, porém uma lenta e gradual transformação dos conteúdos psíquicos num *processo de individuação* sistemática que atualize os potenciais do *princípio inteligente*, mais conhecido nos arraiais *analíticos* como *self*, *selbst* ou *Si-mesmo*. E esse processo demanda um prazo cujo limite ainda é inabarcável pela ciência psicológica, pois implica *integração de conteúdos psíquicos* oriundos da vivência de cada um de nós desde os tempos em que estagiávamos nos patamares da mais primitiva animalidade, bem como dos abusos realizados a partir do despertar da racionalidade, o qual fez da centração no egoísmo zoológico seu *modus operandi* preferencial.

Nunca existiu nem existirá justiça social sem cidadãos justos. E isso não é algo que se consiga mediante *plataformas políticas sejam de direita, esquerda, centro, centro-esquerda, nacionalismo, comunismo, socialismo, terceira-via* ou demais posições da rosa dos ventos político-partidária. A História já demonstrou à saciedade que as ideologias principiam altruístas para terminar na mais cruel tirania. Isso porque todo o movimento político-ideológico *projetara, ideologia dominante sua sombra*, pois, no fundo, todos os componentes do espectro político são moralmente iguais, possuindo preconceitos, ambições e problemas de caráter semelhantes, alterando apenas o rótulo que se aplicam e aplicam aos adversários. Na verdade, ambos os lados concordam em que *os fins justificam os meios*, usando eufemismos para iludir a si e aos outros. A forma emocional como atacam os adversários é a demonstração eloqüente de que o que os irrita é uma *projeção* da sombra que lhes é própria e que eles não têm a capacidade, ou coragem, de identificar para corrigir.

Para haver mudança social é necessário que os pensamentos e ações dos que a defendem sejam diametralmente opostos aos dos seus adversários. É esse o princípio básico da *revolução social de Jesus*. Somente os que sejam realmente bons podem vencer os maus. Mas os combatentes não devem utilizar os mesmos recursos dos oponentes. A arma do bom está na prática da virtude no mais alto grau possível. Ou seja, falar a verdade, mesmo que isso lhe renda prejuízos; nunca prometer o que não poderá cumprir; não usar de demagogia em qualquer circunstância; nunca ofender o adversário com palavras, pensamentos ou atos; em hipótese alguma levantar suspeita sobre o caráter dos opositores, mesmo quando o façam contra você, e assim sucessivamente. Afinal, como afirmou o Rabi Galileu: somente os bons herdarão a Terra.

É voltado para essa realidade que o Espírito Mnêmio Túlio tem procurado, com suas histórias centradas no poder modificador de almas do Cristo, incentivar-nos à conformação da existência com seus ensinamentos. Acredita ele, e eu também, que o papel do Consolador é de *reevangelição* do Ocidente, que, por ser herdeiro da mensagem cristã, deveria estar num patamar moral infinitamente superior ao que apresenta na atualidade. Aliás, esse foi aspecto ressaltado pelo próprio Jesus, quando prometeu enviar o Consolador para recordar Seus ensinamentos, e dizer aquilo que Ele não pudera, por estar terminando a missão que o trouxe ao corpo físico.

Rogo ao Mestre que estas páginas possam influir em minha própria transformação moral e contribuir para que seus eventuais leitores sintam a necessidade de fazê-lo também, alcançando assim a paz e a plenitude que todos almejamos.

Ilhéus, maio de 2000.

CAPÍTULO 1 A misericórdia de Deus

À beira, do abismo

O Lago da Galiléia estendia-se tranqüilo, na depressão formada entre as cadeias do Líbano e Antilíbano e os altiplanos da Decápolis, enquanto, poucos quilômetros adiante, o rio Jordão continuava seu curso normal, espremido pela garganta de rochas da Palestina central, deixando escapar os gemidos de suas águas atritadas contra as paredes de granito. O sol a pino derramava luz e calor sobre a paisagem desnuda, e refletia-se na superfície cambiante do lago, desfazendo-se em miríades de pontos luminosos, sal ti tantes como pirlâmpas irrequietos.

Do alto da escarpa que se abria para o abismo, podiam ser vistas as águas espumantes rodopiando sobre os arrecifes no seu sopé, os quais, daquela altura, se tornavam ridiculamente pequenos. Bem no limite do precipício, um jovem, nos alvares dos 22 anos, contemplava as profundezas de olhos fixos, numa espécie de fascinação hipnótica. Não sentia qualquer espécie de medo, como acontece sempre que se está face a face com o vácuo das grandes alturas.

A atmosfera espiritual à sua volta apresentava os tons na escuros e cinzentos de um intenso desespero. Inscrita em nítidos caracteres ideoplásticos que gravitavam à volta de sua cabeça, a idéia fixa do suicídio dominava-lhe os centros produtores dos pensamentos, inibindo a recepção ou formação de novas emissões mentais.

Na cacofonia das imagens ideogênicas, misturavam-se preces desesperadas, blasfêmias, surtos de autopiedade, lamentações... Ao mesmo tempo, seu corpo estremeceu sob o impacto das energias antagônicas que lhe assaltavam o sistema nervoso e provocavam soluços, espasmos e choro convulsivo.

Em meio à desarmonia mental era possível levantar, com muito custo, a história de sua vida e da tragédia que inspirava a motivação do gesto infeliz que estava a ponto de cometer.

As idéias, descontínuas e repetitivas, tinham um centro básico de convergência na figura de uma mulher jovem e bonita, que num momento era visualizada alegre, saltitante e feliz, noutra em cenas íntimas de afeto e sexualidade. Porém, como num fantástico movimento de sístole e diástole, as cenas eram substituídas pelo quadro de sua morte, no qual ela aparecia deitada e pálida sobre a cama, enquanto ele se agarrava ao cadáver em profundo desespero.

Em volta do descontrolado moço, um magote de espíritos inferiores saltitava por entre gargalhadas, blasfêmias e expressões obscenas. Todos exibiam deficiências diversas; alguns tinham aspectos de monstros mitológicos, enquanto outros pareciam cadáveres semidecompostos saídos a pouco da sepultura que os acolhia. Suas exteriorizações mentais formavam uma densa nuvem cinza- escura, que os envolvia assim como ao tresloucado candi- dato ao suicídio. Alguns se colavam a ele, gritando cruéis incentivos para que completasse o gesto de loucura:

— Vamos! E só um instante e tudo se acabará...

— Quanto mais depressa saltar, mais rapidamente você encontrará sua amada!

— Como se manter vivendo sem aquela que era a companheira dos seus dias?

E a chusma, em coro, ululava:

— Pula... Pula... Pula...

Era uma cena digna da pena de um Dante Alighieri, e que não se encontra nas descrições da Divina Comédia.

Os marginais da infelicidade almejam atrair para seu nível todas as pessoas. Cultivadores da revolta e do desespero, invejam a felicidade alheia e, quando percebem que alguém titubeia, correm a empurrá-lo para o fundo do abismo moral onde residem.

Toda vez que alguém se deixa arrastar pelas águas revoltas da desesperança, os que já se afogaram nelas vêem ao seu encontro, com o firme propósito de aprofundar- lhe a crise, esforçando-se para fechar qualquer saída que possa se apresentar.

A lei de afinidade impõe a atração entre os semelhantes, daí que cada um deve vigiar seus pensamentos e ter o cuidado de cultivar a prece e a esperança na providência divina, que jamais permite que se sofra além dos limites suportáveis. Afinal, a justiça divina está envolta na misericórdia, lei fundamental que estabelece o amor como clima do universo. E claro, o amor é acima de tudo compreensão, tolerância e piedade. Não fosse assim, nenhum de nós conseguiria superar as armadilhas de dor nas quais nos enredamos por absoluta irreflexão diante das escolhas que a vida nos impõe.

À distância, impedidos de qualquer intervenção benéfica, espíritos familiares demoravam-se em prece, muitos chorando em silêncio, de piedade ante a situação patológica que presenciavam.

Desavenças

Jônatan, pois assim se chamava o infortunado rapaz, era filho de Simeão de Genesaré, rico proprietário de terras na região que lhe emprestava o complemento do nome: Vale do Genesaré.

O Vale era uma planície que se abria entre as cidades de Cafarnaum e Magdala. É mencionado pelos escritores antigos como um lugar de inusitada fertilidade e beleza.

Simeão possuía ali vastas plantações de oliveiras e muitos lagares¹ onde produzia centenas de litros de azeite, vendidos na Palestina e exportados para vários países, incluindo a própria Roma. A fim de atender a sempre crescente demanda, adquiria olivas das plantações em volta do lago. Outro negócio muito rendoso era a comercialização do pescado, adquirido dos pescadores da região, o qual, depois de seco e salgado, era negociado para abastecer os navios que aportavam em Cesaréia.

Jônatan era seu único filho, e ele o criara com rigor e esmerada educação. Primeiro o fizera aprender todo o conjunto das Escrituras, mantendo em sua casa conceituados Rabis que lhe eram professores dedicados. Depois, comprara escravos gregos exímios no trato da língua

¹ Moinho de pedra para espremer o fruto da oliveira, produzindo azeite.

helênica, bem como outros versados em filosofia, que lhe transmitiram precioso saber.

Montara também uma biblioteca com rolos de pergaminho e papiro contendo diversas obras dos filósofos gregos e, principalmente, diversos comentários da Torá e escritos outros das diversas facções religiosas do Moiseísmo.

O rapaz era, pois, muito bem preparado culturalmente, mas o corpo não fora esquecido, pois se submetia a rigorosos exercícios diários, bem como ao treino no manejo das armas mais usadas então.

Um dia após completar 18 anos, um servo foi-lhe ao encontro nos aposentos onde dormia, notificando-lhe que o amo lhe esperava no cômodo da casa que servia de biblioteca e escritório.

Ali encontrou os genitores muito sérios. Com certa formalidade, seu pai lhe disse, na oportunidade:

— Meu filho... Eu e tua mãe resolvemos que é chegado o momento de formares família e ter filhos, para que, se o Senhor o permitir, muitos netos venham enriquecer nossa velhice.

Apanhado de surpresa, Jônatan ficou algum tempo sem poder responder. Repentinamente, um pânico irracional apoderou-se de sua mente: Casar? Jamais poderia fazer isso, a não ser com a *mulher dos seus sonhos*. Casando-se ele a estaria perdendo. Por isso respondeu com uma rispidez desconhecida em seus modos, de natural gentil.

— Eu não quero me casar agora!

Tanto Simeão quanto Joana arregalaram os olhos, espantados com a reação do filho, cujo rosto lívido e lábios trêmulos os assustaram.

Reagindo com o mesmo grau de rispidez, Simeão retrucou:

— Quem decide o dia e a hora do teu casamento sou eu! Casar-te-ás quando e com quem eu quiser.

— Meu pai, sabes o quanto te respeito, e sempre me curvei ante tua autoridade em todas as coisas. Nessa, porém, não será assim. Não quero e não vou me casar senão quando achar que o momento e a mulher sejam apropriados.

Assustada ante a reação do marido, renunciada pela ira que o fazia rubro, Joana colocou-se entre os dois, exclamando, com voz súplice:

— Meu filho!...

Mas antes que pudesse prosseguir, Jônatan afirmou, desafiante:

— Eu só me casarei com uma mulher que seja escolhida por mim. Não por outra pessoa, mesmo que seja meu pai.

Dirigindo-se à mãe, por cuja face, desesperadas, lágrimas abundantes escorriam, continuou:

— Eu mesmo quero escolher aquela com quem terei meus filhos e com quem viverei por toda a *minha* vida. — E escandiu enfaticamente o pronome possessivo.

— Farás o que eu quero, e como eu quero — gritou Simeão, enlouquecido de cólera, ameaçando espancar o filho, só não o fazendo porque impedido pela esposa, que implorou que deixasse o problema para outra oportunidade, quando ambos estivessem mais calmos.

Ao mesmo tempo, gritava para o filho que fosse para seu quarto e pensasse melhor, obedecendo ao pai, como todo filho devia fazer, segundo a Lei de Deus.

Ante os rogos da mãe, a quem muito queria, Jônatan retirou-se, mas no íntimo fez o propósito de aparentar submissão à vontade do genitor, mas de recusar todas as pretendentes que lhe fossem apresentadas.

Ele só se casaria, pensava, com a mulher dos seus sonhos. E isto não tinha qualquer sentido metafórico, não; era a pura verdade. Aliás, era um segredo que guardava em seu coração e que jamais contara a ninguém.

Sonhos e visões

A reação inesperada do rapaz tinha uma forte motivação psicológica. Desde a mais remota infância, Jônatan tinha um sonho que sempre se

repetia, com algumas variações, mas igual em essência. Nele aparecia uma mulher, muito bonita e meiga, falando-lhe de amor e saudades, ao que ele retribuía com intensa emoção.

Muitas vezes acordava banhado em lágrimas por ter de se apartar daquela figura feminina, que lhe aparecia com vários tipos físicos: ora loura e alta, ora morena e baixa. Certa vez sonhara que ela possuía uma tez amarelada, cabelos lisos, negros, e olhos amendoados, como nunca vira. Fosse qual fosse a aparência, era sempre bonita e carinhosa.

Algumas vezes lhe aparecia quando estava acordado, e ficavam horas brincando, para espanto dos pais e das escravas que dele cuidavam. Todos atribuíam seus diálogos com a invisível interlocutora à simples imaginação.

Mas a situação começava a tornar-se incômoda e, com medo que viesse a lhe acontecer algum problema mental, os pais passaram a coibir esse comportamento estranho com ameaças e castigos. A amiga invisível aconselhou-o, então, a disfarçar quando não estivessem sozinhos e também passou a rarear as aparições. Pediu-lhe também para guardar segredo sobre os sonhos em que se viam.

Ao completar cinco anos, teve um sonho com ela, tão nítido e do qual jamais se esqueceu, guardando vivos na memória todos os detalhes, com precisão raramente encontrada na recordação do que foi sonhado:

Estava num imenso jardim, onde as flores se distribuíam por inúmeros canteiros, formando desenhos variados, cheios de significados simbólicos de cunho espiritual. As flores, além de cores de matizes diversos, extremamente delicados, emitiam luz, da mesma coloração das pétalas, formando arabescos multicoloridos. O perfume que exalavam difundia-se no ar ambiente, emprestando-lhe um aroma suave e delicado. Ao mesmo tempo, música calmante, mas alegre, preenchia os espaços, vinda de uma fonte invisível de harmonia.

Ele se via e sentia como um adulto. Sua mente funcionava plenamente, e ele sabia o motivo pelo qual ali se encontrava: para estar com *ela*. Cheio de ansiosa expectativa, ouviu, louco de felicidade, sua voz querida e inesquecível a chamá-lo:

— Jônatan, luz dos meus olhos, vem aos meus braços! Correu em direção à voz e encontrou-a sentada num banco, sob um caramanchão de rosas de cores diversas. Ela ergueu-se, e ambos se abraçaram num arroubo só conhecido pelos que amam verdadeiramente, numa troca de beijos e carícias, por entre sussurros e suspiros.

Depois de algum tempo a moça pediu que sentassem, pois tinha uma novidade para contar:

— Minha volta ao corpo foi concedida, em breve estaremos juntos no plano físico.

Louco de alegria, ele a abraçou, exclamando:

— Até que enfim! Não poderia suportar viver no mundo sem tua presença constante. Mas, dá-me detalhes.

Onde nascerás? Quando nos reencontraremos? Porque nos encontraremos, não é?!

E seu rosto demonstrou a inquietação e o medo que o tomara, de súbito.

— Não sei muito sobre o que os nossos maiores estabeleceram, mas informaram-me que seremos novamente marido e mulher. Foi só o que me interessou, pois caso contrário me recusaria a voltar. Disseram-me, também, que esta será uma oportunidade única para o nosso crescimento espiritual. Vai depender de nós dar um grande salto evolutivo ou estagnar por muitos séculos.

O sonho findou-se nesse ponto, mas ficou indelével em sua memória apesar do transcurso dos anos e das mudanças biológicas que sofrerá.

Desde então, durante muito tempo, ficou sem vê-la, o que lhe causava tristeza, fazendo-o chorar repetidas vezes, para a angústia dos pais que o julgavam doente. Uns três anos durou a ausência, quando, certa noite, ela voltou. Vinha, agora, com os traços infantis de uma menina judaica. Depois do seu *Bar-Mitzva*, não mais a viu. Isso havia quase cinco anos, o que o deixava aflito e angustiado. Mas a certeza do encontro era a motivação de sua existência.

Agora, o pai queria lhe impor um casamento. Porém só aceitaria se casar com sua amada. Não sabia como iria identificá-la, mas certamente o faria. Quanto a isso não tinha a mínima dúvida. O laço de amor existente entre eles haveria de criar a circunstância para o almejado encontro.

As almas afins buscam-se de forma inconsciente, e acabam por se encontrar. O amor que liga dois seres é um imperativo do estágio de erraticidade, perdendo

depois a importância que tem, quando se galgam planos evolutivos não tão estreitamente ligados à matéria densa. Ali o amor ganha a característica da universalidade, pois não mais existem os imperativos fisiopsíquicos, centrados na reprodução, que exigem a permuta biunívoca de emoções e energias compensatórias.

Tempo de atritos

Que petulância! Contrapor-se à minha autoridade. Simeão, tremendo de raiva incontida conversava com a esposa, em seus aposentos.

— Eu não sei o que lhe aconteceu. Ele sempre foi tão obediente e respeitador. O que estará acontecendo com nosso filho?

Colocava a aflita mulher, enquanto buscava, ansiosa, uma forma de acalmar a furia do marido e uma solução para a grave crise familiar que explodira repentinamente.

— Não sei, nem me interessa. Ele casará com quem eu decidir, e pronto.

A pobre matrona, nervosa, esfregava as mãos e escolhendo as palavras para não piorar a situação, contra-argumentava:

— Também tu poderias fazer alguma concessão. Lembra-te de que não aceitaste a imposição de teu pai para casar com aquela hierosolimitana aristocrática.

A lembrança tocou o íntimo de Simeão. De fato, ele também se rebelara quando o pai quisera casá-lo com a filha de um abastado fabricante de navios da Siro-Fenícia.

— Acontece que ela era feia e magra.

Foi a única justificativa que encontrou para replicar à colocação da esposa, que, aproveitando-se do titubeio do marido, continuou a insistir no fato, recordando ainda mais as circunstâncias de sua união, o que, no fundo, era motivo de muita alegria para seu amor próprio e formou a base do amor que nutria por ele.

— Mas a família dela tinha mais dinheiro do que a minha. Entretanto, optaste por mim e, à custa de muita desavença com teus pais, conquistaste o direito de casar comigo. Então, bem que poderias ceder um pouco, sem perder tua autoridade.

Ante os argumentos da esposa, Simeão resolveu aquiescer:

— Está bem. Vou colocar três oportunidades para ele. Serão três moças bonitas e de família de nossa posição social. Ele terá de casar com uma delas. E pronto.

Joana, alegre e aliviada pela aquiescência do esposo, correu a comunicar ao filho a decisão do esposo, ao que ele reagiu:

— Veremos!

Aí, Joana não agüentou:

— Veremos? Como veremos? Teu pai foi muito generoso em fazer uma concessão dessas. Sabes que ele tem todo o direito, dado pelo próprio Senhor, conforme está na Lei, para casar-te com quem bem entenda. Por isso, dá graças a IHWI por ele ter sido compreensivo, em razão do muito que te ama.

E, deixando o filho espantado com sua explosão, o que nunca antes acontecera, saiu do quarto fremente de raiva, que descarregou nos servos da casa, ralhando com todos, pelas menores falhas.

O lar de Simeão estava completamente transformado. Tanto os esposos quanto o filho viviam em perpétuo mau humor. Os pobres dos servos eram os que sofriam, pois seus patrões descarregavam neles suas raivas, pelas mais simples coisas e, às vezes, sem qualquer motivo real.

A harmonia que antes reinava se perdera por completo. Fora substituída por um clima de hostilidade permanente, que terminou por contaminar o relacionamento dos servos entre si. É o problema do desequilíbrio, que contamina tudo ao redor de sua fonte de origem, gerando a

tristeza e a infelicidade.

Até os negociantes que mantinham relacionamento comercial com Simeão se surpreenderam com a rispidez que passara a ser uma constante na maneira de ele os tratar. E era para estranhar, pois a gentileza e a educação eram a característica do tratamento que dispensava a fregueses e fornecedores.

Jônatan, por seu lado, enfurnava-se em seus aposentos, evitando ao máximo qualquer contacto direto com os genitores, principalmente com o pai. Cumpria suas obrigações nos negócios que o genitor lhe havia delegado, mas, quando era necessária a permuta de informações entre eles, mandava sempre um servo para se desincumbir da tarefa. O pai, por sua vez, agia da mesma maneira.

As pretendentes

Foi um mês de grande tensão. Eram três as moças com cujas famílias Simeão conversara sobre uma possibilidade de enlace matrimonial com seu filho. Antes de qualquer assinatura do documento de compromisso, ele, Joana e Jônatan, fariam uma visita de cortesia à família da candidata e, ao final, comunicariam a decisão de qual teria sido a escolhida.

Os pais de família aceitaram o acordo porque a fortuna de Simeão era muito grande, além de ser-lhes uma honra se ligar a ele por laços familiares, pois sua influência extrapolava os limites da Palestina, ramificando-se por várias regiões do Império Romano. Tê-lo como parente era, por tudo isso, garantia de bons e lucrativos negócios.

Assim, começou a ronda da escolha de uma esposa para Jônatan. Não é preciso dizer que o rapaz estava com os nervos à flor da pele, e os escravos viviam a receber suas agressões verbais e modos rudes. Eles estavam admirados, pois ele era de índole afável e cordial, de reconhecida bondade.

A primeira família a ser visitada era de Betsaida, cidade a pouco mais de três quilômetros a nordeste de Cafarnaum, do outro lado da margem do Jordão, bem no ponto em que ele se abre para formar o Lago da Galiléia.

Foi um dia de tensões, pois a moça pretendida não era o que se poderia classificar como bonita, muito ao contrário. Constrangidos, Simeão e Joana conseguiram abreviar a visita voltando para casa bastante desapontados. Menos Jônatan, que estava alegre e satisfeito por ver descartada a primeira candidata, sem que houvesse contrariedade entre ele e seus pais.

Tomara que todas sejam tão feias quanto esta, desejava ardentemente, enquanto fazia preces a Deus solicitando que Ele lhe fizesse essa concessão.

A segunda pretendente, porém, era muito bonita e educada. Residia com os pais em Cafarnaum, os quais eram perfeitos anfitriões. Além do fato de o dono da casa ser um próspero comerciante de tecidos finos, principalmente de púrpura e seda que fazia importar das regiões mais longínquas do Oriente.

Para Simeão e esposa, o dia da visita foi muito agradável, e voltaram para casa exultantes, enquanto Jônatan estava macabúzio e preocupado. Sem dúvida a moça era perfeita e, mesmo a contragosto, ficara impressionado. Isso o fez sentir-se infiel, pois sabia que ela não era sua amada invisível.

Finalmente, chegou o dia da visita à casa da última família. Jônatan estava nervoso como nunca, com extremo mau humor. Uma angústia desesperada o fazia imaginar mil artifícios para não fazer a escolha que, em seguida, seria obrigado a fazer.

Planejou fugir para bem longe, mas isso era inviável. Além de não ter o dinheiro necessário, o pai tinha poderes suficientes para encontrá-lo onde quer que fosse. Depois, havia perigos naturais, até mesmo o de ser feito escravo, o que era pior do que morrer. A morte! Essa seria uma forma de se libertar daquela situação. Mas se morresse, como poderia se encontrar com sua amada? Além do mais, o que seria dela sozinha no mundo? Não, de modo algum poderia morrer, tinha de encontrar outra solução.

Na véspera da ida para Magdala, onde morava a família da terceira candidata, sonhou com sua amada. Via-a, de longe, e ela lhe acenava sorrindo, gritando-lhe alguma coisa que não conseguia escutar com clareza.

Parecia-lhe ouvi-la dizer, mas, sem nitidez: *Nos veremos em breve...* Porém, não tinha certeza. Acordou mais nervoso ainda e, com muita grosseria e rispidez, começou a se preparar para a pequena viagem.

Demorou-se tanto, que o pai foi obrigado a impor sua autoridade, com ameaças, para que se aprontasse com a devida rapidez. Finalmente, com algum atraso em relação à hora que Simeão havia marcado, saíram para a cidade vizinha ao lugar onde moravam.

Nunca sentira tanto desespero em sua vida. A mente turbilhonava procurando uma saída para aquela situação, sem encontrá-la. Era como se estivesse preso num labirinto, a movimentar-se em círculos, sem ter a mínima noção de como encontrar a saída.

Reencontro

O coração de Jônatan batia no peito desesperadamente. O que fazer? Era a última das pretendentes. Em seguida teria de fazer a escolha. Após o problema da saída, nem o pai nem a mãe lhe disseram coisa alguma, mas via-se que estavam tensos. Amava-os muito, e essa situação causava-lhe muito sofrimento. Além do mais, pensava, não podia magoá-los, pois o Senhor condenava terminantemente essa atitude.

Aflito, orava ao Deus de Israel, suplicando auxílio. Não sabia ele que, tanto o pai quanto a mãe estavam no mesmo estado de espírito: rogando ao Senhor para que o filho escolhesse uma das três, evitando assim um confronto muito difícil, e que não interessava a ninguém.

A viagem parecia transcorrer em velocidade incomum para a imaginação angustiada dos três, os quais prefeririam que o tempo fluísse com maior lentidão, prorrogando a hora do desfecho, que seria inevitável.

Chegando à casa de Rafael Ben Matatias por volta da segunda hora do dia, foram recebidos com muita cortesia e deferência pelos donos de bela mansão que se erguia sobre um morro, dominando a praia de pedrinhas escuras e miúdas do lago.

Cumpridos os ritos sociais de boas-vindas, impostos pelos costumes, mandaram que os escravos fizessem entrar a filha, cujo casamento poderiam acertar.

Jônatan tremia de emoção. Como poderia sair daquela enrascada? Quando tudo aquilo acabasse, teria de fazer a escolha. É claro que não seria ali, naquele instante, mas na manhã seguinte, quando retornassem ao lar. Suas mãos tremiam, encharcadas de suor, e uma palidez intensa tomou-lhe a face. Sua mãe que o observava disfarçadamente, teve medo de que viesse a desmaiar. Por sua vez, a mãe da possível noiva também examinava, sem o demonstrar, o pretendente de sua filha, intrigada com o motivo de sua palidez incomum.

Então, aconteceu! No momento em que a moça entrou na sala, ele saltou como que impulsionado por mola invisível. Quase não podia acreditar no que estava vendo. Era ela, sem dúvida alguma, a mulher que habitara seus sonhos estava à sua frente, jovem e bela. Ah! Quanta alegria!

A moça, por seu turno, parou espantada. Levando as mãos ao tórax, arfando incontrolavelmente, apoiou-se à parede para não cair. Era o seu esperado que ali estava. Quando sua mãe lhe avisara de que tinha um pretendente, temera que o destino a afastasse daquele que era a razão dos seus sonhos de mulher. Mas algo em seu íntimo a aquietara. Uma intuição lhe sussurrava que a alma querida era o pretendente que estava para chegar. Mesmo assim, sua razão lançava dúvidas e receio. A constatação de que o jovem à sua frente era o amor pelo qual seu coração ansiava, quase a fez tombar inconsciente, dada a intensidade e violência da emoção que lhe assaltava o ser.

O rapaz correu ao seu encontro, para espanto de todos, ficando os dois frente a frente, a se olharem, em estado de êxtase. Era como se tudo o mais no mundo houvesse desaparecido, restando apenas os dois. A vontade que sentiam era de se tocar, permutando abraços, beijos e carícias, mas os rígidos costumes proibiam tais manifestações, e eles foram mais fortes. A reação dos dois, todavia, não deixava dúvidas. Jônatan fizera sua escolha.

Joana começou a chorar e, em pensamento, agradecia ao Senhor. Simeão, por sua vez, sentia um imenso alívio, e os pais da noiva exultavam,

pois a filha se casaria com o herdeiro de uma imensa fortuna que, além disso, era jovem e bonito, ultrapassando tudo que haviam sonhado para ela.

Raquel tinha 14 anos. Era tão bela como a lua do mês de nisã. No rosto de linhas perfeitas, os olhos negros traduziam mistério e encanto; os lábios bem feitos e rubros distendiam-se em sorrisos faceiros e cativantes. Tudo nela era poema de harmonia e equilíbrio físico, lembrando as heroínas da epopéia hebraica, cujas mãos acariciaram com ternura as frentes dos patriarcas, em momentos de intimidade, e cujos ventres albergaram criadores de nações.

Espiritualmente, era tão bela ou mais. Desde tenra infância bebera dos lábios de seu pai a ciência das Sagradas Escrituras. Era capaz de citar de memória todas as passagens da Torá, dos Escritos e dos profetas. Mas muito mais do que citar episódios e discursos alcançava-lhes o sentido espiritual com imensa facilidade, utilizando-os para solucionar as dificuldades maiores e menores do cotidiano.

Boa e simples, gentil e compreensiva, sua presença proporcionava alegria e paz, harmonia e concórdia. Os pobres da região sempre encontravam, à porta de sua casa, e por suas mãos, o alimento, o agasalho e palavras de bom ânimo.

A festa, de núpcias

Agora era Jônatan quem estava impaciente. Queria se casar logo, todavia era necessário que os rituais prescritos pelos costumes fossem cumpridos fielmente.

Primeiramente vinha a questão do dote. Como ficara patente o interesse do rapaz pela moça, o pai desta procurou tirar partido da situação, recebendo um dote bem alto. Embora fosse o noivo quem desse o *mohar* ao pai da noiva, naturalmente era o pai deste quem tudo providenciava, e Simeão, como bom negociante, regateava para pagar o mínimo possível, o que motivou complicada e interminável negociação que durou mais de um mês. O ansioso Jônatan pressionava o pai a fim de que desse aquilo que o seu futuro sogro pedia. Agora as discussões entre os dois eram de natureza diferente das anteriores. Finalmente, tudo acertado, assinaram o contrato de núpcias, como de costume, numa quarta-feira, por se tratar de uma virgem — em sendo viúva, a assinatura se daria numa terça-feira —, e enquanto a lua cheia iluminava os céus da Palestina — pois se acreditava que ela trazia sorte —, para alegria dos dois.

Ao mesmo tempo, o rapaz e sua mãe começaram a procurar e adquirir o *mattan*, coleção de presentes que o noivo tinha de ofertar à noiva. Comerciantes de tecidos, jóias, pedras preciosas e perfumes lotavam a casa todos os dias, para desespero de Simeão, que regateava o máximo e a toda hora erguia as mãos para o firmamento, rogando a Deus que aquele período de extravagância tivesse logo fim.

Mas na casa de Raquel o rebuliço não era menor. A jovem não cabia em si de contentamento. O homem de seus sonhos, porque ela também se recordava dos encontros que tivera fora do corpo com ele, aparecera, e, tinha certeza, seriam muito felizes. A mãe da moça não poupava esforços, nem o dinheiro do marido, para preparar a filha para as núpcias.

Finalmente, a data do enlace foi marcada para quatro meses após a assinatura do contrato de compromisso, para cair em pleno outono, quando as noites eram mais frescas. Isso sob protestos dos noivos, que não queriam esperar uma “eternidade”, como dizia Jônatan.

O rapaz desejava estar todos os dias perto da prometida, o que nem seus pais, nem os dela podiam permitir, pois isso ia de encontro aos costumes. Mas permitiam que se vissem uma vez por semana, sob a vigilância dos progenitores dela. Entretanto, nos intervalos das visitas, escreviam-se longas e apaixonadas cartas, tanto em papiro quanto em tabuinhas de cera. O vai e vem dos escravos entre Genesaré e Magdala tornou-se intenso, no leva e traz da correspondência entre os dois amantes.

Por fim, chegou o dia tão ansiosamente aguardado. Na véspera, acompanhado por um grande séquito de amigos, Jônatan foi a Magdala buscar Raquel, levando-a para sua casa. Ele, elegante, vestia indumentária de tecido caro. Raquel, por sua vez, estava deslumbrante, irradiando felicidade. Numa liteira, ao pé da qual caminhava o noivo, embevecido em sua contemplação, foi levada para o vale do Genesaré, para a casa dos pais de Jônatan. Por todo o trajeto, a procissão de amigos, parentes e simples curiosos, cantava músicas inspiradas nos Cantares de Salomão, exaltando o amor e as delícias do casamento.

Foram recebidos, ao chegar, pelos pais do jovem, que a abençoaram, conforme o ritual prescrevia, sob a vibração da multidão que se aglomerava diante da casa. Logo depois, tendo a noiva se retirado para os aposentos ricamente preparados, com suas amigas mais íntimas, começou a festa, com danças, números de prestidigitação, apresentação de saltimbancos e competições variadas, por toda a noite. Contudo o que mais atraía o povo eram as comidas e bebidas que os escravos serviam sem parar.

No dia seguinte, foram realizadas as núpcias propriamente ditas. Durante o dia, moças e rapazes praticaram a dança e jogos de variada espécie, aproveitando a oportunidade para ver se inspiravam alguns dos jovens presentes a interessar-se por elas, a ponto de querer casar.

Ao final do dia, realizou-se o esperado banquete. Homens de um lado e mulheres do outro, uns ladeando o noivo e outros a noiva que, toda alegria e felicidade, sentava-se sobre o precioso e enfeitado dossel, preparado para ela. Uma verdadeira multidão se aglomerava por toda a região onde ficava a casa de Simeão. Os convidados participavam do banquete com os noivos, mas o povo em geral, principalmente os pobres, tinha várias mesas de iguarias à sua disposição, espalhadas à volta da residência, bem como escravos com ânforas de vinho e hidromel, para que bebessem a vontade.

A festa se prolongou por mais três dias, os noivos, porém, nessa mesma noite se retiraram para a casa deles, presente de Simeão, a cerca de dois quilômetros da sua habitação, numa vasta extensão de terra, com inúmeras árvores e plantações, além de carneiros em grande número.

Ali, pela primeira vez, puderam estar a sós, trocando afagos e carícias, bem como conversando sobre o segredo deles, cuja veracidade podiam agora verificar.

Felicidade e dor

A partir de então a vida, foi uma sucessão interminável de felicidade. Adivinhavam-se os pensamentos, estavam juntos todo o tempo possível e, quando separados pelas atividades do labor diário, consumiam-se de impaciência pelo reencontro, que se dava sempre num clima que lembrava o de uma ausência contada em anos. Quantas vezes ficavam mudos e quietos a se fitar com expressões de ternura? Nesses momentos, não trocavam qualquer palavra, somente ligeiros e ternos afagos. A emoção nessas horas era tanta, que a atmosfera em volta parecia saturada de vibrações luminosas. Olhos úmidos e peito arfante terminavam o silente diálogo nos braços um do outro, na vivência de sensações intraduzíveis.

Foram dois anos de júbilos indescritíveis. E bem verdade que não viera um filho de imediato, como esperavam os ansiosos familiares, que repetidamente cobravam o evento. Eles, contudo, não se preocupavam o mais mínimo com o problema, perdidos na fruição permanente um do outro.

Entretanto, um mês após completarem dois anos de consórcio, acontecera a tragédia. Jonatam voltava para casa, ansioso e impaciente, como sempre. À distância, na curva do caminho de onde se descortinava a entrada de casa, uma surpresa angustiante: a querida esposa não estava ali, como de costume, com seu vestido mais novo e bonito, e a flor nos cabelos, mãos a abanar, por entre sorrisos de alegria. Em seu lugar, um entra e sai de vizinhos dos sírios em volta, e os soluços e lamentações dos criados, que se ouviam à distância. Medo, angústia e desespero, empolgaram-no de súbito. Correu alucinado e entrou, empurrando aqueles que tentavam segurá-lo, querendo lhe falar. No quarto, o quadro terrível: deitada no leito, com o palor da morte a emoldurar-lhe o rosto, jazia a idolatrada companheira. Atirara-se sobre ela, gritando-lhe o nome adorado. Era um momento confuso na memória. Vagamente se recordava implorando, beijando, rogando, blasfemando, rindo e soluçando, numa atitude de completa loucura. Depois, a perda dos sentidos... Mais tarde, o despertar cruel e a irrecorrível sentença da morte súbita do amor de sua vida. Naquele momento, também se decretara à morte. Como, porém, os familiares atentos se revezavam à sua volta, implorando-lhe viver, principalmente os queridos pais, resolveu poupá-los do quadro doloroso.

Com a monoidéia do suicídio estratificada na mente, Jônatan fingia se recuperar. Passou a tomar os alimentos, embora a comida custasse a

passar pela garganta e, naquele dia, quando todos o julgavam adormecido e relaxaram a vigilância, enganados pela falsa recuperação, fugiu. Apropriando-se de um barco, atravessou o Lago da Galiléia aportando na região de Gérgesa e — colocando grande distância entre ele e os seus —, ali estava para cumprir o infortunado desiderato. Por que viver, se sua vida se fora com ela? Se uma solidão infinita o esmagava?

Deus de vivos

Os músculos tensionaram-se para o salto no precipício; nesse momento, uma voz o sobressaltou, interrompendo-lhe o gesto e fazendo-o voltar-se, surpreso:

— É assim que um descendente de Abraão, criado na fé que tem sustentado o povo de Israel por dores sem conta e cruéis perseguições, age diante dos desígnios de Deus, Jônatan?

O homem que assim falava estava a dois passos do moço judeu. Seus cabelos, de um belo castanho-claro, caindo nos ombros, esvoaçavam ao vento morno, e deles o sol parecia arrancar cintilações douradas, bem como da barba do mesmo matiz. O doce magnetismo de seu olhar e a suavidade austera da voz agiram de pronto sobre o rapaz, envolvendo-o numa atmosfera de paz. Isso se devia ao fato da sua presença fazer os espíritos infelizes se afastarem do rapaz, em fuga precipitada, e suas emanações superiores sanearam a atmosfera espiritual, destruindo vibrações pesadas que se concentravam à volta do rapaz. Ele sabia, inconscientemente, que o desconhecido lhe conhecia o drama. Assim, inquiriu:

— Quem és?

— Jesus, teu irmão. Pensas que o suicídio virá resolver a dor da saudade de tua amada Raquel?

Espantado pelo fato de o estranho estar a par do acontecido, perguntou:

— Meus pais te mandaram me seguir?

— Não teus pais, mas nosso Pai que reside nos Céus. Ele, que é o autor da vida e o único que pode decidir o dia e a hora em que se deve abandonar o corpo.

— Mas viver, para mim, é estar morto. Há três meses sou um morto-vivo, um corpo sem alma.

— Compreendo a extensão do teu desespero, embora não concorde com ele. Ninguém morre realmente, Jônatan. A morte é uma simples mudança de estado. Todos estamos destinados a viver, sempre. Nunca leste, como bom filho de Israel, que Deus é chamado de Deus de Abraão, Isaque e Jacó? Ora, como poderia sê-lo, se Ele é Deus de vivos, e não de mortos? Além do mais, como poderiam os bons ir para *o seio de Abraão*, se ele estivesse morto?

— Chamas viver o existir à distância da felicidade?

— E como podes afirmar que tua amada não está perto de ti, guardando ainda o mesmo sentimento que lhe é a base da existência?

Uma expressão de incredulidade perpassou o rosto do jovem.

— Duvidas de minhas afirmações! Todavia, meu irmão, o Pai, que é puro Amor, não poderia deixar que o vosso amor desaparecesse. O Amor é o sustentáculo da vida, e é por isso que não podemos morrer. Ele, compreendendo que tuas dores nascem da ignorância, mas sabendo que teus sentimentos são puros e raros neste mundo de trevas morais, por ora, mandou-me em teu auxílio.

Embora seja grande e sincero o amor entre tu e Raquel, ele vive fechado num estreito círculo de egoísmo. Por força de outras existências tendes mantido um paraíso circular, que começa e acaba em vocês, enquanto, ao derredor, os filhos do infortúnio gritam suas angústias, frustrações e dores. O amor não pode ser colocado à margem do mundo, para usufruto pessoal. Ele é uma benção a ser partilhada com a humanidade inteira. Dessa forma, o Pai decidiu que, nesta existência, tu e tua amada fôsseis separados, para aprender a distribuir as benesses do sublime sentimento com todos os que trafegam pelos caminhos solitários das aflições superlativas. Aplaca tuas dores, pois o Pai assim o deseja.

Novo reencontro

Calou-se o Mestre da Vida; ao seu lado condensou-se uma silhueta de luz e, ante os olhos atônitos de Jônatan, Raquel apareceu, bela como sempre, com duas pérolas luminosas a lhe escorrerem dos olhos cor de avelã sobre a face brilhante.

Foi um impacto profundo no psiquismo do rapaz. Aquela que ele julgava perdida para sempre ali estava, diante de si, com a mesma configuração física, ou seja: o mesmo corpo, as mesmas linhas delicadas do rosto, os cabelos esvoaçando ao sopro da brisa quente. Não era um espectro difuso, mas um ser concreto. Naquele momento ele deixou de crer que existe uma alma imortal, passando a *saber* por experiência pessoal que somos todos almas que sobrevivem à morte do corpo físico. A experiência lhe ensinava, pela vivência, que os *mortos* possuem um corpo semelhante ao que se desfaz no túmulo.

— Razão da minha felicidade — falou com a inesquecível e tocante entonação —, não destruas o que não te pertence, pois isso significaria para nós séculos de solidão dolorosa e angustiante. Vive e compartilha com os filhos da dor os sentimentos que nos tornam um só. Estarei permanentemente ao teu lado, envolvendo-te no meu afeto pois, sem ti, nada para mim teria sentido.

Vai, meu amado, e ajuda na construção de um novo homem, mostrando ao mundo o poder imbatível do Amor.

Findas essas palavras, aproximou-se do rapaz, estático de assombro e alegria, abraçando-o com ternura e carinho. Foi a suprema comprovação. Podia apertar contra si o corpo da sua amada, como fizera tantas vezes nos dois anos de felicidade em comum. Seus cabelos guardavam o mesmo perfume, sua pele estava sedosa como sempre, e sentia-lhe o calor num transporte sublime de alegria. Beijaram-se muitas e muitas vezes, afastando de vez o fantasma da saudade irremediável.

Mas pondo fim àquele interlúdio afetivo, Raquel lhe disse, enquanto depositava nos seus lábios a carícia de um beijo:

— Agora temos de nos separar.

Ante o véu de tristeza que se abateu sobre o rosto de Jônatan, ela continuou.

— Como te disse, estaremos mais juntos do que nunca, para trabalhar pelos nossos irmãos em humanidade.

E com um último beijo, desvaneceu-se, deixando o ar impregnado com seu perfume inesquecível.

A serviço do bem

Jônatan, soluçando, viu-se novamente só na paisagem desolada. Ajoelhando-se na rocha nua, elevou a Deus uma prece de agradecimento por um longo tempo, e depois, renovado na mente e na alma, retornou à casa, onde os parentes aflitos o receberam em transportes de júbilo.

Contou sua aventura, recebida pelo pai com reservas, e pela mãe com uma certeza intuitiva:

— Pela descrição do homem que te salvou a vida, parece ser um Nazareno que apareceu em Cafarnaum e, segundo dizem, realiza prodígios.

Com a ajuda do pai, que apesar de cético não queria contrariar o filho, cujo reequilíbrio agradecia a Deus, Jônatan conseguiu saber que o Nazareno se chamava Jesus e que, quando em Cafarnaum, ficava na casa de um pescador, originário de Betsaida, chamado Simão. Passados alguns dias, foram informados que o Rabi chegara à cidade vizinha. Foi procurá-lo em companhia dos pais. Ao chegarem à residência de Simão, encontraram-na assediada por uma grande multidão, composta de pessoas de todas as condições sociais, incluindo vários doentes.

Estavam sem saber como entrar na casa, pois o número de pessoas reunidas à entrada tornava-o uma tarefa quase impossível. Quando estavam para desistir, um homem maduro saiu da residência, vencendo com muita dificuldade a resistência da multidão, clamando em alta voz:

— Quem se chama Jônatan, filho de Simeão de Genesaré?

Os três se entreolharam admirados, pois ninguém sabia que eles haviam se dirigido àquele lugar. E Jônatan se apresentou:

— Sou eu, amigo!

Simão fixou os três, dizendo:

— Sou Simão, o pescador. O Rabi mandou-me para conduzi-los até ele.

Os três seguiram o anfitrião, enquanto abriam caminho por entre a multidão compacta. Com muito custo chegaram até o cômodo em que estava Jesus. Ao vê-lo, o moço não se conteve, exclamando para os pais:

—É ele, o homem que me devolveu a felicidade!

E adiantando-se, caiu de joelhos diante do Mestre que, sentado sobre um banco de madeira rústica, recebeu-o com um sorriso, dizendo:

— Entendes agora por que Deus é Deus de vivos, e não de mortos?

Não padecia mais dúvidas. Jesus era realmente quem lhe aparecera à beira do precipício. Mas o Mestre prosseguiu, voltando-se para os pais do jovem:

— Simeão e Joana, o Senhor conhece os benefícios que tendes feito aos filhos do infortúnio. Louvados sejais, por não haver a fortuna endurecido vossos corações. Por causa deles o Pai consentiu que vosso filho, criado como um digno filho de Deus, fosse salvo num momento de compreensível loucura. Isso, porém, requer dos três maior dedicação e amor pelos que sofrem, pois de quem muito recebe, muito será cobrado.

E, passando os olhos pela multidão que se comprimia no cômodo onde estava, disse:

— Quando o Pai nos concede a benção de nova oportunidade, temos de aprender a fazer o mesmo com os que jornadeiam conosco pela Terra. Se queremos o perdão de Deus, é preciso aprender a perdoar. A propósito, ouvi a seguinte analogia:

*O Reino dos Céus (a sociedade espiritualizada) é semelhante a um homem que é rei, e que desejou acertar as contas com seus servos. Começando a acertá-las, levaram até ele um devedor de dez mil talentos. Não tendo ele como ressarcir mandou o Senhor que fosse vendido, e também sua mulher e seus filhos, e tudo o que tinha, para que pagasse. Caiu o servo prostrado, e o homenageava, dizendo: tem paciência comigo, e tudo te pagarei. Movido pela compaixão, o Senhor daquele servo o soltou e cancelou o empréstimo. Saindo o servo, encontrou um seu conservo que tinha uma dívida com ele de cem denários e, agarrando-o, começou a sufocá-lo, distendendo: paga o que me debes. O seu conservo rogava-lhe, insistentemente, prostrando-se a seus pés, dizendo: tem paciência comigo, e te pagarei. Ele não quis e, saindo, lançou-o na prisão até que pagasse o que devia. Vendo os seus conservos o que acontecera, entristeceram-se muito, e foram relatar tudo o que se passara ao Senhor deles. Então, convocando-o à sua presença, o Senhor lhe disse: Servo perverso! Perdoei toda a tua dívida porque mo rogaste. Não deverias ser misericordioso com o teu conservo, assim como eu fui contigo? Eficando zangado, o Senhor o entregou aos carcereiros, até que pagasse tudo o que lhe devia. E assim fará convosco o meu Pai celestial se deixares cada um de perdoar ao seu irmão, de coração **

Depois, levantando-se, fez Jônatan se erguer, e lhe disse:

— Sei que saberás agir de acordo com o benefício que o Senhor te fez.

E continuou a atender e a ensinar, com a naturalidade que lhe era característica.

Jônatan, junto com os pais, ouviu as lições transcendentais da Boa Nova e apreciou o carinho com que o Mestre atendia aos infortunados, devolvendo-lhes a alegria de viver, tanto pela cura dos males físicos como pelas palavras de estímulo e conforto com que lhes enriquecia as almas.

Voltaram para casa muitas horas depois, quando a noite caía sobre a Galiléia, felizes e renovados.

Renovação

Compreendendo que o discípulo de Jesus deve ser um fator de renovação onde quer que se encontre, Jônatan e seus pais desenvolveram um grande projeto de assistência pessoal aos desvalidos.

Desde então, onde se encontrassem os marginaliza- * dos do mundo, aii estava Jônatan, como um anjo de bondade distribuindo alento, conforto e socorrendo as necessidades imediatas.

O amor em suas mãos materializava-se em remédio, alimento e agasalho; em seus lábios, em estímulo e incentivo; nos seus gestos, em gentileza e compreensão, tolerância e renúncia.

Simeão e Joana compartilhavam de seus esforços, e a casa deles se transformou num albergue abençoado para os desamparados do mundo.

O assassinato do Mestre causou-lhes funda tristeza. Mas testemunharam-lhe o triunfo sobre a morte, quando o viram, novamente, ali mesmo, no Vale do Gene- saré, junto com uma multidão de discípulos, estuando de vida. Ouviram-lhe o convite para que todos persévérassent no caminho do bem, realizando o amor e caridade em suas existências.

Após a morte de Simeão e Joana, Jônatan prosseguiu nas tarefas de auxílio aos pobres e doentes. Suas noites eram povoadas de belos sonhos em que via Raquel e os pais, coroados de luz, cercando-o de carinhos, conduzindo-o a ambientes de imensa beleza, nos quais recebia lições preciosas e diretrizes importantes sobre a condução de sua existência e dos trabalhos que realizava.

Anos depois, num turgório de dor onde fora levar auxílio e amparo, o coração parou-lhe no corpo físico. E enquanto os pobres choravam a perda do Anjo de Bondade que lhes mitigava as carências, nos umbrais da imortalidade, Raquel o recolheu nos braços, com ternura e, acolitada por uma mukidão de almas iluminadas, volitou com as asas da felicidade rumo às esferas crísticas, onde o amor é a realidade constante e a própria razão do existir.

* Mt 23-35.

CAPÍTULO 2 Recordações

A Galiléia

Vocês conhecem a Galiléia? Não? É pena, porque não existe em toda a Terra lugar mais belo. Uma antiga narrativa diz que nossa região fazia parte do Paraíso, preservada pelo Senhor e colocada à disposição dos homens a fim de que pudessem saber o quanto perderam com a desobediência dos nossos pais: Adão e Eva.

Isaías a Chama de Terra de Zabulon, Terra de Neftali e Galiléia das Nações.

O solo é fértil como nenhum outro da Palesdina, favorecendo o cultivo de diversas espécies de hortaliças e árvores frutíferas. O trigo que nela se planta produz, numa abundância nunca vista, nem mesmo no Egito, considerado o maior produtor do mundo.

Não há localidade desta terra dos judeus que se lhe possa comparar. Nenhuma possui um lago como o nosso, cuja água, apesar de um pouco salobra, é rica em peixes, proporcionando uma rendosa indústria de pesca. Nós o chamamos de Mar da Galiléia, mas no passado se chamava Quineret, a Citara, porque sua forma lembra o referido instrumento musical.

A Samaria vive sufocada entre montes agrestes e castigada pela escassez de água, que os poucos poços, e o Quison, uma torrente, não conseguem suprir. Também nela mora uma raça de homens manchados pela heresia, e Deus os castiga de modo exemplar.

E a Judéia? Sua aridez reflete o espírito dos que nela habitam, crestados por uma ortodoxia estreita e fanática que os fez se acreditarem os melhores e mais puros de todos os descendentes de Abraão. Orgulhosos e intolerantes, chamam nossa pátria de *Galildos Goímf*³. Muitos podem entender a palavra *goí* como alguém que não é judeu, no sentido de estrangeiro, tendo a conotação de *pessoa que não participa da sagrada aliança feita entre IHVH e Abraão*, mas os fanáticos usam-na com o sentido de *infieis e sem Deus*. E bem verdade que a grande presença de fiéis aos ensinamentos de Moisés, na região, é recente. Mas nem por isso somos menos seguidores da fé de nossos ancestrais.

É claro que vivemos em contato com povos de várias raças, pois somos vizinhos da Decápolis e em nossa região circulam caravanas vindas de inúmeros países. Eles são de grande utilidade para nós, por causa do comércio, que gera riqueza e prosperidade. Como podemos tratar mal os que nos ajudam?

Dizem que somos briguentos e insubordinados, mas não é assim. É claro que reagimos quando a opressão se faz intolerável, isso porque temos dignidade. Mas na verdade gostamos da paz e confraternizamos com os que se fazem nossos amigos.

Kephar-Nahum

Em volta do Lago da Galiléia existem inúmeras cidades, umas bem novas, construídas por Herodes, o mais cruel dos monarcas que nosso povo conheceu, e outras cujas origens se perdem nos dias gloriosos de Josué, quando as doze tribos repartiram a Terra Prometida entre si. Mas para mim, a cidade mais bela de toda a Galiléia é a nossa Kephar-Nahum.

A *Aldeia de Nahum* tem cerca de 15.000 habitantes e, pela sua posição próxima da fronteira entre as Tetrarquias de Herodes Antipas e Filipe, tem um posto alfandegário, pois por ela transitam caravanas e pessoas que se destinam à Síria e à Mesopotâmia. Ao sul dela está o Vale do Genesaré, com a cidade do mesmo nome, e ao noroeste encontramos Corazim e mais adiante Betsaida, a Judaica, diferente da sua homônima, que lhe fica defronte, do outro lado do lago e se chama Betsaida Júlia, construída como adulação ao Imperador Romano, por Herodes Antipas. Suas ruas são em geral espaçosas, com casas amplas que tomam quase sempre um quarteirão. Existe uma sinagoga, cuja história é singular, pois foi erguida graças à generosidade do centurião que, na época, comandava a guarnição estacionada nos arredores da cidade para garantir as arrecadações dos impostos na aduana.

A cidade possui um pequeno porto, para facilitar o desembarque do pescado que, apanhado no lago, é ali posto a secar ao sol e depois devidamente salgado, sendo então vendido às caravanas ou comercializado para lugares mais distantes. Esse, aliás, era o comércio a que me dedicava, pouco antes dos acontecimentos que passarei a narrar, que mudaram minha vida, graças sejam dadas a IHVH, nosso Deus e Senhor.

Encontro com Jesus

Corria o 22^o ano do reinado de Herodes Antipas, um dos filhos do idumeu Herodes, que tantos males fez ao nosso povo, os quais nem a construção do templo apagou. Na metade da segunda hora do dia, saí de casa para ir à enseada dos barcos fazer contato com os pescadores, que forneciam peixe para o meu comércio. Minha casa ficava na Rua do Porto, logo atrás da sinagoga. Ao começar a descê-la, verifiquei que uma considerável multidão se aglomerava em volta do ancoradouro. Havia muito mais gente do que o normal. Alguma coisa de incomum aconteceria, pensei, enquanto apressava o passo em direção ao aglomerado.

Descendo a rua enladeirada, pude discernir que um homem, num barco, dirigia-se à multidão. Aí comecei a elucidar o mistério. O barco pertencia a Simão, um pescador que morava, juntamente com seu irmão André, naquela mesma rua, a uns cinquenta passos depois da sinagoga. O homem, portanto, só poderia ser o Nazareno de nome Jesus, sobre o qual tanto se comentava na cidade e que eu não tivera ainda oportunidade de ver.

Confesso que era cético quanto aos prodígios que diziam ser realizados por ele. Mas ao mesmo tempo, ficava-me alguma dúvida, pois Simão e André eram pessoas experientes e honestas, além de comerciantes sagazes.

Quando mais perto, vi que estavam também na embarcação os filhos de Zebedeu, Tiago e João, sócios de Simão e André, juntamente com o pai, num pequeno, mas próspero negócio de pescaria. Eu mesmo comprava sempre uma boa quantidade na mão deles. Afinal, eu era de Betsaida, a Judaica, portanto conterrâneo de André e seu irmão.

O Nazareno

Quando cheguei perto da aglomeração, ficou difícil enxergar o barco e seus tripulantes. Aconteceu então algo singular: eu escutava a voz do Nazareno tão claramente, como se estivesse próximo ao barco em que ele ficava. A princípio imaginei que a voz fosse trazida por uma corrente de ar, mas, quando me deslocava por detrás da multidão, o fenômeno era invariável.

Mais tarde pude verificar que isso ocorria sempre que falava às multidões. Todos o escutavam com nitidez, fosse qual fosse a posição em que se encontravam; mesmo se distantes e contra o vento. Hoje posso afirmar que era um dos inumeráveis prodígios que o Carpinteiro realizava a todo o momento.

O seu discurso diferia, e muito, daqueles dos doutores da lei e sacerdotes. As frases eram afirmativas, como a expressão de uma verdade incontestável. Mas o conteúdo deixava-me espantado, tanto assim que, apesar das expressões enfezadas, gestos bruscos e reclamações, fui me esgueirando por entre a multidão, até chegar defronte ao lugar onde o barco flutuava. Aí pude vê-lo claramente. Era alto, bem mais alto do que o comum dos judeus e de corpo bem formado, embora não se apresentasse musculoso. Sua presença impunha respeito e admiração, por causa do rosto, que exprimia serena autoridade e impunha respeito, sem arrogância nem desprezo. Os olhos castanhos eram lúcidos, brilhantes e quando fixavam alguém este se sentia vasculhado nos mais profundos recessos da alma.

Os cabelos, da cor dos olhos, pareciam envoltos numa sutil luminescência dourada, talvez reflexo da luz do sol. Usava-os compridos, caindo

³ * Sobre o termo Galil, Galiléia, ver: *O Evangelho Conforme Mateus*, tradução e comentários de Djalma M. Argollo.

sobre os ombros, e repartidos ao meio, indicando que fizera o voto na- zireu, mas para toda a vida, como muitos profetas e religiosos costumavam fazer. O rosto era emoldurado por uma barba bem aparada, da mesma cor dos cabelos e olhos.-

O nariz, a boca, os olhos e as sobrancelhas eram bem proporcionados, equilibrando todo o conjunto do rosto, harmoniosamente.

Enquanto falava, as mãos se movimentavam de forma discreta, pontuando, vez por outra, alguma frase ou palavra que desejava destacar. Não gritava, nem elevava a voz durante o discurso, mas variava os tons e a pronúncia das palavras de tal maneira que não se tornava monótono e se podia escutá-lo por horas, sem cansaço.

Palavras de vida

O conteúdo do discurso, como já falei, causava-me estranheza. Discorria sobre um Reino dos Céus, que já estava chegando, e para que se fizesse parte dele era necessária uma mudança da mente. Compreendí, e confirmei mais adiante, que concitava a uma mudança na forma de pensar e proceder, adequando-os de tal forma que o indivíduo fosse o mesmo, tanto interna como externamente. Ou seja, pensamentos e ações fossem um o espelho do outro. Até aí, tudo bem. Uma utopia piedosa — pensei —, mas nada a opor, a não ser a descrença de que pudesse ocorrer. Porém, quando começou a dizer que deveríamos amar a todos, mesmo aos nossos inimigos, a coisa mudou de figura. O próprio Senhor ensinou, por meio de Moisés, Seu porta-voz nos gloriosos dias da fuga do Egito, que os inimigos deveriam ser mortos ou escravizados. Aquele Rabi, entretanto, pretendia que amássemos a todos os inimigos, até mesmo os romanos. É claro que não o disse expressamente, mas da forma como generalizava era esta a conclusão lógica e, naturalmente, absurda. O problema se agravou mais quando concitou a que não pleiteássemos nossos direitos, nem mesmo na justiça, contra os que nos quisessem prejudicar.

Interiormente passei a combater todas as suas afirmações, que a mim pareciam irreais e impraticáveis. Como, por exemplo, um negociante, como eu, poderia emprestar sem esperar restituição? E que história era aquela de nos submetemos aos nossos inimigos, a ponto de lhes fazer mais do que nos obrigassem? E a proposição de que deveríamos dar a face esquerda para bater, a quem nos houvesse esbofetado na direita era, para mim, a institucionalização da covardia.

Apesar da sensação de paz que aquele homem transmitia, a ponto de manter silenciosa uma tão compacta multidão, eu começava a me irritar. Foi então que, dando por finda sua explanação, fez sinal aos que estavam no barco para que se aproximassem do local de desembarque. Eu pretendia, na primeira oportunidade, questioná-lo sobre aquelas colocações inaceitáveis.

Cura instantânea

Mal chegara a terra firme quando aconteceu algo inesperado. A multidão se agitou atrás de mim, e cheguei mesmo a ouvir alguns improperios e reclamações. Ao me voltar, vi que se formava um corredor no meio do povo, enquanto irrompia por ele, arrastando-se pelo chão, Salatiel, o aleijado. Todos o conheciam em Kephah- Nahum. Nascera com as pernas atrofiadas, o infeliz. Um castigo de Deus pelos pecados dos seus pais, avós ou bisavós, como ensinava a palavra do Senhor, era o que todos nós pensávamos. Além disso, por andar se arrastando pelo chão, era um imundo, um ser saturado de pecado. Por causa disso, para não se contaminar com sua imun- dície, as pessoas se afastavam dele, com receio e desprezo. Graças a isso, ele pôde chegar mais rapidamente junto ao Nazareno, exclamando:

— Filho de Davi, ajuda-me, pelo amor de IHVH!

Esprei que o Rabi o mantivesse a distância, como

qualquer filho de Israel o fãria, mas, para surpresa de todos, ele se aproximou do aleijado e, curvando-se, afagou seus cabelos, perguntando:

— Meu irmão, o que posso fazer por ti?

Encorajado pela atitude carinhosa, Salatiel prosseguiu:

— Rabi, eu nasci sem minhas pernas que, como podes ver, assemelham-se a dois gravetos imprestáveis. Desde o princípio fui rejeitado por minha família e pelos vizinhos, sendo obrigado a crescer na solidão e no abandono, tratado como um animal. Quando pergunto por que sou um aleijado, respondem-me que é por causa dos meus pecados, mas, replico, como pude pecar se já nasci dessa forma? A resposta é que estou pagando pelos crimes dos meus pais ou de duas gerações dos meus ancestrais. Mas, será Deus assim tão injusto? Como pode um inocente pagar pelos crimes que não cometeu?

Todos nós que presenciávamos a cena ficamos indignados. Como se atrevia aquele rebotalho humano a questionar o Criador de todas as coisas, que é infinita sabedoria e justiça? Naturalmente o Rabi iria repreendê- lo e expulsá-lo, indignado. Todavia aconteceu justo o contrário. Com um gesto de quem diz: “Eu te compreendo”, ele disse:

— Ainda não é o tempo para que os homens possam entender os mistérios do destino. Sem dúvida tem razão a Escritura, mas não como é entendida. Ninguém pode, diante de Deus, assumir as culpas que lhe não pertencem. A cada um é sempre dado de acordo com suas obras. Somente de quem erra pode o Pai exigir retificação.

De minha parte não estava entendendo aquelas colocações, e pelas manifestações ao meu redor vi que muita gente também não estava. Mas Jesus prosseguiu:

— Por agora deixemos as coisas como estão. O futuro trará as elucidações necessárias. Não se pode obrigar o fruto a amadurecer antes do tempo, nem dar alimentos de adultos para crianças. Esta geração é formada por crianças do ponto de vista cultural e espiritual. Esperemos que cresça e fique madura para novas e definitivas revelações. Neste momento, em nome do Pai te concedo a faculdade de voltar a andar.

Quando ele disse esta última frase, olhei para as pernas de Salatiel e, oh! prodígio dos prodígios, elas se distendiam e reformavam diante dos meus olhos. Numa fração de tempo, estavam normais.

Então Jesus, tomando as mãos do mendigo forçou-o a erguer-se, dizendo:

— Em nome do Pai celestial, levanta-te e anda!

E o pobre homem, confuso, sem compreender direito o que acontecia, viu-se em pé, como qualquer um que ali estava, completamente curado.

Ensaçou alguns passos vacilantes amparado pelo Rabi e, alguns minutos depois, conseguia andar sozinho.

Então aconteceu algo que nunca mais consegui esquecer. Não foi um grito de alegria que Salatiel soltou, mas um urro, saído do mais íntimo de suas entranhas. Era como se liberasse nele todas as frustrações, humilhações e desesperos acumulados nos anos de sofrimento que vivera.

À volta, a multidão teve um movimento de recuo ante o brado assustador, mas, logo depois, prorrompeu em aclamações de alegria e louvores a Deus.

Salatiel, soluçando de alegria, sem poder falar, atirou-se aos pés de Jesus, que começou a beijar em reconhecimento pela dádiva conseguida. O Mestre, porém, o fez se levantar, dizendo:

— Meu irmão, agradece ao Pai o benefício que te concedeu. Somente Ele merece nossa gratidão, porque todo bem Dele procede. Quando muito, somos apenas intermediários de Suas bênçãos.

Vai em paz. Não voltes a usar o dom de andar para prejudicar o próximo. Mas usa tuas pernas para correr em socorro dos necessitados e aflitos, levando-lhes auxílio e conforto; para deslocar-te ao encontro dos que sofrem, estendendo-lhes alívio; para te movimentares na direção dos que vivem em desespero e angústia, como portador de paz e consolação.

Vai, meu irmão, e que o Pai esteja sempre em teu coração!

Confesso que o pranto rolavá pela minha face, descontroladamente. Nunca imaginara ser testemunha de um prodígio tão grande. No mesmo momento deixei de contestá-lo, pois quem recebera de Deus tal poder só podia falar o que era verdadeiro e justo.

Discipulado

Tornei-me então seu discípulo e queria segui-lo por toda parte. Ele, porém me disse que eu tinha ainda deveres a cumprir junto aos meus. E era verdade, pois gerenciava os bens que meu pai legara a mim e meus outros dois irmãos. Disse-me ainda:

— Quando te desembaraçares dessa responsabilidade, o que não está longe, poderás, como fiel discípulo que sempre serás, ser meu intérprete entre os mais longínquos povos. Mas então eu estarei contigo em espírito, pois terei voltado para junto do Pai celestial.

Naquele momento não entendi essa última parte. Somente um pouco mais de dois anos depois pude compreender.

Sempre que podia, acompanhava o Rabi em suas jornadas pela Galiléia e Judéia. Pude, por isso, testemunhar os mais notáveis prodígios realizados por aquele homem que, não tenho a menor dúvida, era o Messias sobre o qual falaram nossos profetas. Ninguém, em toda a história do Povo de Deus, realizou as curas que ele produziu, nem resgatou tantas almas do pântano dos erros, quanto Jesus de Nazaré.

Tive o privilégio de ser contado no número dos setenta discípulos que o Rabi escolheu para divulgar seus ensinamentos por terras judaicas.

Juntamente com Matias, outro discípulo, percorri, sob suas ordens, a orla marítima entre Jope e Cesaréia, proclamando a Boa Nova e, em seu nome, curando doentes do corpo e da alma.

Foi um período de vivências maravilhosas. Sentíamos a presença dos Mensageiros de Deus junto a nós, quando falávamos sobre o Reino. As palavras brotavam dos nossos lábios como se fossem tarimbados Rabis, e interpretávamos as palavras da Escritura Sagrada como os mais sábios dos doutores da lei.

A derrota, da morte

Estive também em Jerusalém, onde cheguei a tempo de vê-lo, sem poder acreditar no que via, morrer crucificado, com o corpo coberto de chagas e hematomas causados pela crueldade dos líderes da minha raça e dos romanos.

Após o sepultamento, abandonei a cidade que chamam de santa, mas que para mim, desde então, fez-se maldita, voltando para minha amada Kephar-Nahum, acabrunhado e triste.

Uns três dias depois, Filipe, que fora por Jesus escolhido para ser um dos seus doze emissários, entrava por minha casa adentro contando que o Mestre estava vivo, que ressuscitara na madrugada do primeiro dia da semana, depois da crucificação.

Primeiro quem o viu foi Maria, aquela de Magdala, depois, dois dos nossos que iam, desalentados, para Emaús. Finalmente, na casa de Maria-Marcos onde nos refugiamos amedrontados, no primeiro andar, ele apareceu no meio de nós, embora as janelas e portas estivessem fechadas, sentando-se à mesa e comendo para mostrar que estava vivo. Ainda há pouco, esteve com Simão, André, Tiago e João, às margens do lago, onde eles estavam pescando.

Meu coração se encheu de alegria! Ele vencera a morte! Fora isso, sem dúvida, seu maior prodígio. Confesso, para minha vergonha, que estava com inveja dos que o haviam visto. Era uma amargura que eu procurava disfarçar. Foi quando o mesmo Filipe, algumas noites depois, chamou-me aos gritos à porta de casa. Quando atendi, disse-me, arfante:

— Amanhã, bem cedo, vai ao Vale do Genesaré, no mesmo local onde o Mestre pronunciou aquela pregação para uma vasta multidão, na encosta do monte. Ele prometeu que viria ao nosso encontro.

Não consegui dormir e, antes de o sol nascer, fui àquele lugar inesquecível. De imediato pude ver que não era o único ansioso. Inúmeras pessoas, sós ou em pequenos grupos, deslocavam-se para o mesmo lugar. O lago estava cheio de embarcações que iam na mesma direção.

Na vertente do monte, encontrei uma numerosa multidão que se espalhava pelo vale ao sopé do mesmo. Muitos se sentavam em pequenos grupos, enquanto outros estendiam as capas e se deitavam, contemplando as estrelas que brilhavam no firmamento. E no mais profundo silêncio, todos esperavam...

Corria a segunda hora do dia quando, em plena claridade diurna que o sol despejava sobre nós, o Mestre apareceu. Era o mesmo que eu vira, há mais de dois anos antes, na pequena enseada de Kephar-Nahum. Sua voz, seus gestos...

A serviço de Jesus

Ele vivia, sim! Agora eu podia afirmá-lo, pois o vi com meus próprios olhos. E foi esta experiência que serviu de tema para minhas pregações sobre a Boa Nova: Jesus, o Messias prometido pelos profetas, o Príncipe da Paz, o Libertador dos Erros, que venceu a morte e vive junto a todos aqueles que aceitam e praticam os seus ensinamentos.

Por ele percorri os caminhos da Síria e da Pérsia, citando os homens à fraternidade, ao amor e ao perdão. Em seu nome curei enfermos, libertei os que viviam subjugados por espíritos imundos. Mas o maior de todos os prodígios foi o que ele fez em mim: tornou-me um homem novo, seu dócil instrumento em qualquer hora e lugar. Por ele vivi, e por ele dei a minha existência, como testemunha fiel e aprovada. Mas é com ele que vivo nas paragens gloriosas do Espírito Imortal.

Naturalmente que, ao ler estas linhas, perguntar-te-ás quem sou eu. Contudo de balde procurarás meu nome nas páginas que descrevem a passagem da vida do Cristo de Deus entre nós cu contam a epopéia dos seus primeiros seguidores. Isto por uma razão muito simples: eu sou um dos muitos que o serviram no anonimato, simplesmente por haver se apaixonado pelo ideal de implantação, na Terra, do Reino de Deus.

Capítulo 3 Lição de tolerância

A crise

A crise se anunciara desde cedo, mas ele conseguira adiá-la lançando mão dos dois artifícios de que vinha se servindo havia dois anos: extenuante esforço físico e vinho.

Quando, noite alta, voltava para casa com o passo trôpego, ouvira apodos e xingamentos: *bêbado, toma vergonha, beberrão*. No princípio sentia constrangimento, mas uma vez que o alcoolismo se instalara em seu organismo, não ligava mais. Precisava era sair para um recanto isolado, pois não queria que ninguém presenciasse as agonias da crise que o tomava.

Tremendo e suando, em total descontrole, tombou, afinal, no meio de uma moita de capim, nas margens de plantação de oliveiras nos limites da cidade.

Ali, começou a se debater, rangendo os dentes, grunhindo como um animal. Com baba a escorrer pelo queixo, rebolecava-se no meio da folhagem, arranhando-se e ferindo-se nas pedras e espinhos espalhados pelo lugar onde caíra.

O descontrole físico era um pálido reflexo do vendaval de dor e desespero que varria sua mente em paroxismos indescritíveis. A dor dilacerava-lhe o tecido emocional como um animal feroz e impiedoso.

Para qualquer médico atual, o caso seria rotulado como epilepsia motivada pelo alcoolismo. Mas na verdade ele era vítima de incontrolável “dor psíquica”, que se projetava sobre o cérebro, desequilibrando todo o sistema nervoso. Tais dores, fruto do desespero e da ignorância, atingem um vasto número de espíritos, encarnados e desencarnados. No futuro, a medicina aprenderá a identificar essa síndrome, cujo tratamento requer amor e esclarecimento.

A pequena. Miriam

Como um aparelho de reprodução de imagens que possuísse vontade própria, a memória liberava os acontecimentos de dois anos antes, com

impressionante fidelidade. Nenhuma palavra, nenhum sentimento, nenhuma lágrima, nem a mais mínima parcela de desespero era omitida. Podia-se dizer que o passado estava ali, acontecendo de novo, com toda a dolorosa carga de emoções. A lembrança, nesses dois anos, não sofrerá qualquer esmaecimento, pelo contrário, parecia mais viva a cada crise, mais precisa nos detalhes dolorosos, como se um sádico verdugo, escondido no seu íntimo, se divertisse em trazer à tona as recordações que mais o faziam sofrer.

Primeiro eram as imagens dos tempos felizes em que a pequena e doce Míriam enchia seus dias de felicidade e alegria. Eram o riso cascadeante da menina, as pequenas travessuras, e o jeito de desarmá-lo, quando ralhava com ela. E isso desde que começara a falar:

— Míriam, veja o que você fez. Papai está muito zangado e vai pôr-te de castigo.

Mas a pequena, astuciosamente, corria para ele dizendo:

— Papai lindo... Miiam ama papai... Papai ama Miiam?

Como resistir àquele rostinho aberto num lindo sorriso? Ele se sentia derreter por dentro. Toda a zanga, que não era assim tão grande, desaparecia de vez, e a recebia nos braços, e os dois ficavam por longo tempo trocando carícias, afagos e beijos. Seu coração parecia que ia explodir no peito, tal a intensidade do afeto que sentia nesses momentos.

Mesmo se desenvolvendo, a criança continuava com o mesmo carinho e o mesmo modo gárrulo de dobrá-lo. Ele gostosamente lhe fazia todas as vontades, para aborrecimento da esposa, que se preocupava com o comportamento futuro de uma menina assim mimada, e dos irmãos que morriam de ciúmes por se verem colocados pelo pai em segundo plano.

Sufrimento e morte

Quando tudo era alegria e felicidade, o pesadelo começou. As dores que nada conseguia aliviar, os gritos da pobre criança, que lhe suplicava socorro:

— Ai, papaizinho... Dói tanto... Pelo amor de Deus, papaizinho, faça passar a dor!!!

Essas cenas se repetiam no cérebro atormentado, em todos os detalhes cruéis, e ele se contorcia de desespero na crise incontrolável.

Finalmente, o quadro da morte. O último beijo... Os olhos perdendo o brilho... O suspiro final... O corpo sem vida entre os braços... A corrida desesperada pela casa, abraçando-o e beijando-o... A perda da consciência... Os dias de febre e delírio. Enfim, o despertar para conviver com a ausência, sempre presente. Até hoje não sabia por que não se matara, acabando logo com tudo. Talvez porque se culpasse em não ter conseguido salvar a filha adorada, tivesse preferido se destruir física e moralmente, aos poucos, pela bebida e pelo trabalho estafante.

A bebida já lhe destmira a reputação que antes gozara, e também cercava de vergonha a própria família, que era discriminada pelos vizinhos e fora abandonada pelos conhecidos. Os filhos não queriam mais sair de casa, pois todos proibiam seus filhos de andarem com os do *beberrão*. Sentia terríveis remorsos, mas não tinha forças para lutar contra aquela situação e na verdade não o queria. Sua esperança era morrer o mais breve possível. Mas a morte, que não lhe poupava a filha, demorava a chegar.

A presença de Jesus

Quando a crise passou, permaneceu deitado, sem forças para se erguer, a chorar convulsivamente. Foi quando ouviu a voz:

— Izá, meu irmão, por que abandonaste a fé que iluminava tua vida, e te fazia arrimo dos necessitados?

Tentou erguer-se, para fitar o recém chegado, mas as forças lhe faltavam. Sentiu que mãos firmes o seguravam, erguendo-o e colocando-o recostado ao tronco de uma oliveira. Pôde ver, então, quem o ajudava. Reconhecia-o. Chamava-se Jesus, e vinha da aldeia de Nazaré, localizada nos montes, a sudoeste do Lago da Galiléia.

Sentiu uma onda de bem estar percorrer o corpo, fazendo desaparecer a exaustão que se seguia à crise, bem como os eflávios alcoólicos que lhe turvavam a mente. Pôde então responder:

— Perdi a fé, arrancada da minha alma juntamente com o anjo querido que enchia minhas horas de felicidade. De que me adiantaram os benefícios feitos aos pobres e minha sincera devoção?

Sentando-se em frente ao infeliz, de cujos olhos as lágrimas voltaram a cair, o Mestre filiou-lhe com bondade:

— Nunca meditaste na causa de ter passado por tão dura provação?

— Várias vezes sem conta me tenho interrogado sobre isso. Disseram-me que o Senhor me castigou pelos meus crimes. Mas que crimes? Minha consciência está tranqüila. Sei que cometi erros, mas nenhum que desse lugar à tão terrível punição...

— Achas, então, que no teu caso houve injustiça?

— Claro que houve — foi a resposta enfática.

— Mas, quando desapareceu o filho de Matatias de Séforis, opinaste que era um castigo divino, e quando te retrucaram que ele sempre fora um homem justo, tuas palavras exatas, foram: *Deus é infinita justiça. Nele não há erro nem sombra de contradição*. Por que, sobre o sofrimento de teu próximo foste tão pronto na defesa do Pai e Sua justiça, mas no teu caso concluíste que houve erro? Qual a diferença entre o teu e o dele?

A palavra do Mestre fez voltar a cena à sua mente, como se estivesse acontecendo agora. Sentiu-se desarmado ante a observação. Quis retrucar, mas Jesus continuou:

— Na noite que antecedeu o princípio da doença de Míriam, tiveste um sonho. Nele, te sentias nos tempos de Acab e Jezabel. Como um nobre da corte, mancomunado com a-infeliz rainha, tu recebias crianças que Matatias roubava pelas aldeias da Palestina e, junto com Míriam, então uma sacerdotisa de nefando culto de sacrifícios humanos, por quem nutrias imenso afeto, matavas aqueles seres indefesos com requintes de crueldade, para atender aos perversos rituais que a supersticiosa Jezabel promovia. Não foi assim?

Izá estava perplexo. Ele nunca havia contado a ninguém aquele sonho, todavia, Jesus conhecia-lhe os menores detalhes. Sem ter o que falar, redargüiu:

— Mas foi apenas um sonho. Não vejo como se possa relacionar com o meu problema...

— Izá! O pior cego é aquele que não quer ver. Como fezes parte do grupo dos feriseus, sabes que muitos defendem não só a imortalidade da alma, mas também sua volta à existência em novo corpo. Não te parece estranho que, justamente quando iam começar teus sofrimentos e os de tua querida filha, tivesses tal sonho? E não explica ele a terrível provação de Matatias?

Na mente de Izá as coisas se faziam claras. Era como se um nexó invisível ligasse os eventos. Ele agora sabia o porquê daquelas tragédias. Com a cabeça entre as mãos, chorou por largo tempo, enquanto o Mestre permanecia em silêncio. Afinal, Jesus lhe disse:

— Meu irmão, o Pai não tem apenas a lixívia da justiça para fazer desaparecer nossas feitas, mas também dispõe do bálsamo da misericórdia para fazer renascer a esperança e a paz. Ele te proporciona, agora, a bênção de um recomeço, a oportunidade de construir uma vida nova.

Mal acabara Jesus de falar quando, entre ele e Izá, uma figura de menina começou a tomar forma. Gradualmente, Míriam se corporificou ante os olhos espantados do pai. A menina com um sorriso de alegria correu-lhe ao encontro, sendo recebida com abraços e beijos, enquanto ele se sentia inebriado de felicidade:

— Papaizinho querido!!!

Ele nada podia dizer. Sentia o corpinho da menina de encontro ao seu, o perfume predileto a exalar de seus cabelos, o calor dos seus beijos, e o sabor de suas lágrimas.

— Papai, quanto tenho sofrido nestes dois anos, ven- do-te em tão lamentável estado.

Izá foi invadido por sentimentos de vergonha e remorso. Vergonha, por tomar conhecimento de que sua filha sabia de sua degradação moral, e remorso por fazê-la sofrer por isso.

— Perdoa-me, filhinha — soluçou —, mas não suportei acompanhar mas dores, sem nada poder fazer, nem tua ausência...

— Eu também tenho sofrido por não poder estar fisicamente ao teu lado, mas de agora por diante saberás que estamos unidos espiritualmente. Paizinho, o Messias nos proporciona uma oportunidade que não podemos perder. Temos de juntar forças para realizar todo o bem possível ao nosso próximo. Como tu, eles caem nas garras de espíritos perversos e pervertidos, por não saberem manter fidelidade aos princípios estabelecidos pelo Senhor.

Nesse momento, Izá sentiu uma espécie de sopro frio na testa, e sua visão ampliou-se, abarcando uma fração do mundo espiritual à sua volta. Viu, estarecido, um grupo de seres que apresentavam estranhas deformidades físicas, que o fizeram ter um movimento de recuo do corpo, pelo medo que sentiu.

— Estes, pai, eram os infelizes que viviam se aproveitando do teu estado permanente de embriaguez. Agora, graças ao Rabi, serão recolhidos para tratamento e, com a permissão do Pai celeste, voltarão a ser espíritos normais, sem as formas monstruosas que hoje apresentam, e sem as deformidades mentais que conduzem.

No mesmo momento, a visão desapareceu, ante a perplexidade de Izá, que nunca imaginara tal coisa possível. É claro que, como todo judeu, sabia que existiam pessoas assediadas por espíritos imundos, mas nunca se supusera nesta situação.

— Pai, agora tenho de te deixar — disse Miriam. Mas, nunca mais penses que estamos definitivamente separados. Estarei sempre ao teu lado para repararmos os erros do ontem, construindo a felicidade de amanhã.

Ele abraçou-a com força, querendo retê-la mais junto a si, todavia ela depositou-lhe um beijo na testa e, com um sorriso, esvaneceu-se entre seus braços. Procurou, então, o Nazareno para lhe agradecer a felicidade que lhe proporcionara, mas estava sozinho.

Por algum tempo deixou-se ficar sentado, numa longa prece de agradecimento ao Senhor da Vida e, depois, lentamente, rumou para casa. Não era mais o desesperado bêbado de momentos antes, mas um novo homem, em busca de uma nova posição na existência.

Novos labores

Quando chegou em casa, a apreensão reinava. A tristeza e a inquietação se estampavam no rosto da esposa, filhos e servos, ao vê-lo sujo, desgrenhado, com cortes no rosto e braços, e manchas de sangue na roupa. As lágrimas de desapontamento e vergonha começaram a deslizar pela face de sua mulher. E ele, dirigindo-se a ela, tomou-lhe as mãos, dizendo:

— Minha querida, quero te pedir perdão pelo muito que te tenho feito sofrer, nestes dois anos de loucura. Hoje porém, tudo mudou. Deixa-me tirar esta imundície do corpo para, em melhores condições, conta a ti, e aos meus queridos filhos e servos, como o Senhor foi bom comigo.

Algum tempo depois, devidamente banhado e de roupa limpa, dispôs os familiares e servos num semicírculo à sua frente, contando-lhes detalhadamente tudo o que lhe acontecera. Foi uma alegria geral. Era como se uma nuvem escura e abafante houvesse se dissolvido assim que a narrativa terminou.

Acalmados os ânimos, tomou de um rolo de papiro que trouxera consigo e, abrindo-o, começou a cantar o Salmo 103:

Bendize a Iahweh, ó minha alma, e tudo o que há em mim ao seu nome santo!

Bendize a Iahweh, ó minha alma, e não esqueças nenhum dos seus benefícios.

E todos cantaram, por entre lágrimas de júbilo, o Salmo que afirma que Deus é amor. Depois, Izá fez uma sentida prece de agradecimento, que todos acompanharam com aleluias e hosanas.

Izá, na manhã seguinte, quis ir agradecer a Jesus pelo benefício recebido, mas, chegando à casa de Simão, soube que ele havia partido, durante a madrugada, rumo à Judéia.

A transformação de Izá foi motivo de comentários por toda a cidade, e trouxe alegria para aqueles que dele gostavam. Os pobres encheram-se de júbilo, pois recomeçaram os donativos generosos, que durante dois anos estavam interrompidos.

Poucos dias depois, atendia uma pobre mulher, acompanhada do filho de cerca de dez anos. Acometido por aquilo que todos chamariam de um ataque epilético, o menino começou a se bater pelo chão, com espuma a escorrer-lhe por entre os lábios cerrados. Nesse momento Izá viu, pela clarividência, o espírito obsessivo envolvendo a pobre criança em algo que parecia uma corrente de lama vaporizada. Vencido o susto inicial da visão, e impulsionado pelo espírito da filha, ele disse em tom peremptório:

— Espírito imundo, deixa esta criança, em nome de Jesus de Nazaré.

Mal acabou de falar, viu que a entidade, envolvida por um clarão luminoso, desapareceu do local, e a criança voltou a si, como quem desperta de um pesadelo. Estava curada! A notícia correu: *Izá tem o poder de expulsar os espíritos imundos*. Imediatamente se viu procurado por inúmeras pessoas apresentando desequilíbrios psíquicos variados. Usando o nome do Nazareno, ele conseguia curá-las, principalmente quando se tratava de obsessões.

Equívoco e reparação

Nesse ínterim, o Mestre chegara a Kephâr-Nahum, pela madrugada. Na manhã seguinte, Simão Pedro soube do que estava acontecendo. Ficou indignado. Como podia alguém, não sendo um seguidor do Mestre, estar usando o seu nome para expulsar espíritos? Chamando Tiago e João, foi com eles investigar o fato. Chegaram no justo momento de verem Izá aplicar a *terapia do nome de Jesus* numa pobre senhora que, há muito tempo, trazia o pescoço entortado, com a cabeça deitada sobre o ombro direito. Sob o comando do curador ela se endireitou e pôs-se a dar graças a Deus. Simão interveio, imediatamente, em frente às pessoas que ali estavam:

— Com qual direito utilizas o nome do nosso Mestre, se não o segues, como nós o seguimos?

Izá tentou argumentar, explicando o porquê de sua atuação, mas Simão não lhe permitiu e arrogante, sentenciou, ante a aprovação dos seus companheiros:

— Como seguidores de Jesus de Nazaré, proibimos-te de usar o seu nome.

E sem esperar resposta, recebendo as congratulações de João e Tiago, deixou o pobre homem humilhado e constrangido diante de inúmeros espectadores.

Assim que os três chegaram em casa foram, orgulhosos, contar a Jesus o que haviam feito: *Disse-lhe João: Mestre, vimos alguém, em teu nome, expulsando espíritos maus, e o impedimos, porque não nos segue. Porém Jesus disse: não o impeçais, porque não existe ninguém que faça coisas poderosas em meu nome, e seja capaz de, imediatamente, falar mal de mim. Porque, quem não é contra nós, é por nós*⁴.

Ordenou-lhes que voltassem imediatamente, para se desculparem pela ação infeliz, e que trouxessem Izá até ele. Envergonhados, voltaram e se desculparam na frente de todos, narrando a reação do Mestre à intolerância deles, com humildade.

Izá, com a mulher e os filhos, foi levado pelos três discípulos afoitos até Jesus. Ao chegar junto do Mestre, com a esposa prostrou-se no chão, agradecendo o benefício que lhes fizera. Jesus os levantou, dizendo:

— Meus irmãos, sejamos sempre gratos ao Pai, que é o provedor de todos os bens. Sejam para Ee nossas constantes preces de louvor e agradecimento, pois Ele é a origem de todas as bênçãos que se derramam sobre nós.

E fixando Izá com muito carinho:

— Vejo que tu e Miriam não perdestes tempo, começando um programa de auxílio aos sofredores, tanto do corpo quanto da alma. Se mantiverdes a firmeza de propósitos e a fé no Pai, eu os receberei, quando chegar a hora, no Reino, para lhes dar a *Coroa da Vida*.

Em seguida, abraçando e abençoando os filhos do casal, despediu-os com votos de paz, voltando à sua tarefa iluminada de recuperar almas e corpos.

⁴Mc 0 38-40

Capítulo 4 A metanóia

A luta.

A dor, que vinha aumentando de intensidade, era agora insuportável. A flecha penetrara na parte superior esquerda do tórax e, com certeza, atingira o pulmão. O ato de respirar era uma tortura, obrigando-o a diminuir-lhe o ritmo o máximo possível, aumentando o intervalo entre as inspirações e expirações, bem como a forçá-lo para a parte inferior do aparelho respiratório.

A ferida infeccionara e a febre o consumia. A sede secava-lhe a boca, engrossava a língua e rachava-lhe o lábio.

Era melhor ter morrido durante a luta — pensava Simão — *do que passar por esta agonia insuportável* Ainda não dera fim à existência por haver perdido o gládio e o punhal, durante a rápida batalha.

O homem que agonizava, Simão, o Zelota — como era conhecido, por fazer parte do partido ultranacionista, que os romanos chamavam de sicários — viera para uma reunião do grupo de que fazia parte, cujas ações se efetivavam em Jerusalém e suas cercanias.

Iriam traçar planos para uma série de atentados contra judeus colaboracionistas durante a Festa da Páscoa, que aconteceria dentro de quatro dias. Os alvos seriam familiares dos Sumos Sacerdotes Anás e Caifás, lacaios reconhecidos dos inimigos dominadores.

Saíra de Betfagé na noite anterior, logo após o anoitecer, chegando pela manhã ao sítio nos arredores de Magdala, onde aconteceria o encontro.

Alguns dos companheiros já estavam ali e, pouco tempo depois, chegaram os quatro que faltavam. Após uma rápida refeição, começaram a discutir nomes e formas de ação, quando um tropel de cavalos lhes chamou a atenção. Um pequeno destacamento romano entrava pelo sítio, atacando-o por todos os lados, sem dar margem à fuga. Saíra arrojadamente com mais dois ao encontro dos invasores, com gládios e punhais nas mãos, mas não chegaram a usá-las, pois foram atingidos por flechas, e um dos seus amigos tombara sobre ele, atingido mortalmente. Esse fato salvou-lhe a vida, pois o deslocara o suficiente para que a flecha que lhe fora endereçada se desviasse do coração.

A escaramuça pouco durou, e todos os zelotas morreram lutando, para não serem presos, torturados e crucificados. O legionário que veio verificar se ele e seus amigos estavam mortos lancetara os dois primeiros, mas, na sua hora, foi chamado pelos outros, para participar do saque que começava.

Os soldados partiram, depois de haverem incendiado a casa e as demais construções do sítio, levando os servos que encontraram para interrogatório e como espólio.

Recebendo auxílio

Depois de algum tempo, certificando-se de que os legionários haviam partido, levantou-se e, quase sem pensar, saiu caminhando automaticamente, na direção de Jerusalém. Alguns metros adiante, encontrou na estrada o seu cavalo, que fugira no momento da invasão. Montou-o e cavalgou-o por longo tempo, escondendo-se nas margens da estrada, por entre árvores e rochas, até aquele lugar, no meio de uma plantação de tamareiras, numa das quais se recostava, sem forças. Estava perdendo a consciência, quando ouviu vozes:

— Mestre, será melhor que andemos mais uma milha, pois ali existe uma estalagem onde acharemos boa comida e acomodações para dormir.

— Levi, existem coisas mais importantes do que comer e dormir. Atender os doentes do corpo e da alma é uma delas.

O sotaque indicava que eram galileus. Ia gritar, pedindo ajuda, quando um grupo de homens surgiu na pequena clareira onde se encontrava.

— Mestre, olha, um homem ferido.

— Compreendes agora, Levi? Vamos cuidar do nosso irmão.

O galileu que assim falava era um tipo singular. Mesmo nas condições em que se encontrava, Simão não pôde deixar de admirá-lo. Tinha porte avantajado, sem ser musculoso, e lançando mão de suas últimas energias, interrogou:

— Quem és tu?

O recém-chegado assentou-se ao seu lado, apoiou-lhe a cabeça e, enquanto lhe molhava cuidadosamente a boca com a água de um odre, fazendo-o beber aos poucos, a fim de evitar os espasmos, às vezes mortais para quem se dessedenta com muita rapidez após sede prolongada, respondeu-lhe.

— Sou Jesus, da cidade de Nazaré, e estes são meus amigos, Simão.

Assustado por se ver reconhecido, o ferido indagou:

— Conheces-me?

— Muito mais do que imaginas. Por agora, te acalma. Vamos cuidar do teu ferimento.

Segurou então a flecha e, misteriosamente, ela saiu do ferimento com facilidade, sem causar a mínima dor, nem tampouco provocar sangramento.

— Agora, meu irmão, dorme um pouco para te refazeres.

Simão sentiu-se envolver por uma sensação agradável de alívio e paz, adormecendo no mesmo instante.

Diálogo com Jesus

Quando acordou, a noite havia caído e, por entre as folhas das tamareiras as estrelas brilhavam. Sentia-se muito bem. A respiração fazia-se normalmente e o local do ferimento não doía, nem quando apalpado. A pequena distância dele, o grupo, que além do líder era composto de mais nove pessoas, estava assentado em volta de uma pequena fogueira, a conversar animadamente.

Quando se levantou, o homem que se chamava Jesus ergueu-se e veio ao seu encontro, trazendo nas mãos um pedaço de pão e algumas tâmaras. Ao mesmo tempo, dois dos seus seguidores trouxeram um odre de vinho e um pedaço de queijo, que depositaram em cima da capa sobre a qual Simão estivera deitado, para em seguida juntarem-se aos outros companheiros.

Quis conversar com Jesus, quando esteve sentado ao seu lado, mas este instou que comesse em silêncio. Ao terminar, o Mestre lhe disse:

— Simão, Débora tem razão, não se deve matar, nem mesmo em nome do mais legítimo ideal.

O Zelota estremeceu ante a observação:

— Como sabes disso?

Débora era sua irmã e vivia com ele. Paralítica desde criança, permanecia solteira e sob seus cuidados. Ela desaprovava o terrorismo político, no qual se engajara. Aquele era o argumento que sempre usava quando conversavam sobre o assunto. Ele, apoiando-se na história do seu povo, defendia o assassinato como forma de luta contra os conterrâneos que se ligavam ao romano odiado. Era necessário oferecer-lhes uma resistência tenaz e contínua. Assim fizeram os macabeus, matando os seleucidas opressores e os que aderiam a eles.

Sem lhe responder diretamente, Jesus continuou:

— Débora angustia-se por tua causa. Neste mesmo instante, deitada sobre o coxim estendido no átrio de tua casa, em Betfagé, ela ora ao Senhor pela tua preservação e pede para que ele faça mudares tua vida. E os romanos estão apertando o cerco sobre o teu movimento. A qualquer hora poderás ser preso, se persistires nesse caminho infeliz.

A bondade de tua irmã e os muitos méritos que acumulou pela generosidade com que trata dos infelizes estão contribuindo para que tenhas a oportunidade de tomar outro rumo na vida.

— Mas o inimigo oprime nosso povo. Temos obrigação de lutar para expulsá-lo do solo sagrado da Terra Prometida.

— Achas que o Pai não teria meios de resolver esse problema? Nosso povo fez por merecer os sofrimentos por que passa. Pelos séculos afora, desde Abraão, o Pai tem convidado Israel a viver a fraternidade e o amor, todavia ele prefere o ódio e a separação. Os profetas, como veículos do pensamento do Senhor, exortaram a que os fortes não oprimissem os fracos, os ricos não explorassem os pobres, e a fraternidade fosse a norma da conduta social. Mas nunca foram ouvidos e, por insistir na mensagem, foram perseguidos e muitas vezes mortos.

Incomodado pela argumentação que entendia como exortação à rendição incondicional diante do inimigo, Simão argumentou, agastado:

— Sei que temos nossos problemas sociais, mas a submissão covarde ao opressor estrangeiro não faz parte de nossa tradição histórica...

Sem se alterar ante a provocação, Jesus retrucou:

— E o que isso trouxe? A paz? Muito pelo contrário. O povo judeu vive nessa condição de luta, matando e sendo morto, oprimindo e sendo oprimido, desde os tempos em que entrou na Palestina, guiado pela espada de Josué. Em guerra permanente, os filhos de Abraão vêm acumulando séculos de dores e expiações sem conta. Será que tem valido a pena? Meu amigo, quem semeia a violência só colherá violência.

Ante o argumento, o Zelota replicou:

— Mas os filhos de Israel haverão de triunfar. O Ungido virá, e eu sinto que será breve, se é que já não se encontra entre nós.

Com um brilho fanático nos olhos, característica de todos os fundamentalistas, prosseguiu:

— Ele nos comandará na vitória contra os cães romanos, e sob sua liderança haveremos de dominar todos os povos, que passarão a nos servir, como é de direito, pois somos os escolhidos do Senhor.

Jesus olhou-o com um olhar que traduzia profunda compaixão, dizendo:

— Simão! Simão! O quanto estão enganados os que pensam dessa maneira. Isaías descreve o Ungido como um *servo sofredor*, e as escrituras em geral, o dizem perseguido e maltratado, preso e morto. Como alguém com essas características poderia ser um chefe militar?

E encerrando a conversa antes que o outro retrucasse, terminou:

— A única forma para que os homens encontrem a paz e a felicidade é a fraternidade, fruto do amor puro, que é um dom de Deus, o qual ainda não sabemos utilizar.

Por ora, vamos! Temos de chegar ainda hoje em Betfagé, pois tua irmã está muito preocupada contigo.

Em Betânia

Em vez de ir diretamente para Jerusalém, através da Samaria, o grupo, ao qual se juntara Simão, o Zelota, atravessou o Jordão e, pela estrada que margeava o rio, o antigo Caminho Real, foi até o Beit-Arabá, a Casa da Passagem, onde João, o que mergulha, começara sua clamoração. Ali cruzaram novamente para a Cisjordânia, passando por Jericó, a Cidade das Palmeiras, até atingir Betânia.

Durante a caminhada, que exigiu umas duas paradas para descanso e alimentação, Simão teve a oportunidade de conversar com diversos membros do grupo de discípulos de Jesus. Por eles, ficou sabendo que o Rabi possuía extraordinários poderes de cura, compreendendo então porque se recuperou tão rapidamente. Da mesma forma, nas paradas para recuperação, participava das conversas do Mestre com os seguidores, admirando-se da bondade natural que acompanhava suas palavras e gestos, bem como a paciência que exibia na administração dos problemas de convivência daquele grupo tão heterogêneo.

Envolvido pela aura de serenidade de Jesus, começou a meditar em sua vida, sua opção política, concluindo que nunca sentira tanta paz antes. Seus comparsas zelotas só destilavam ódio e inquietação. Quando participava das ações punitivas, deixava-se tomar por estranhos sentimentos de raiva e remorso que lhe faziam perambular pela casa, insone, noites seguidas. Geralmente suas noites eram de pesadelos, e nelas ouvia acusações de assassino e criminoso, das quais se defendia gritando, a plenos pulmões, sua qualidade de soldado da luta pela liberdade do seu povo. Mas os rostos patibulares que o ameaçavam afluíam sobre ele, como a quererem esfalear-lo. Acordava gritando, coberto de suor, causando preocupação a Débora, a irmã que tanto amava, junto a quem gozava dos raros minutos de paz de sua existência.

Mas ali, em meio àqueles galileus, simples na sua maioria, estava conseguindo sorrir e, pela primeira vez, após muitos anos, não estava sob tensão, nem desconfiado de todos e de tudo.

Embora mantivesse ainda suas convicções políticas, sentia-se seduzido pela tese do Reino de Deus, que o Nazareno defendia. Achava difícil construir-se uma sociedade baseada no amor, pois a realidade lhe mostrava que os seres humanos eram egoístas e mesquinhos, dominados pelas mais baixas paixões. Algo interno, porém, lhe dizia que aquele Rabi tinha plena certeza do que falava e, mais ainda, ele era a expressão dos sentimentos nobres que pregava. Seus discursos expressavam sua maneira de viver. Não eram produtos artificiais de uma erudição escolar, pois seus seguidores diziam que nunca cursara a escola do templo.

Quando Jesus falava de Deus, chamando-O de Pai, não tinha o beatismo estudado dos fariseus, nem a empáfia dos doutores da lei ou a vaidade dos sacerdotes. Era tão natural como uma criança quando se refere ao seu pai; traduzia a mesma certeza e o mesmo carinho.

Enfim, concluía Simão, nunca se sentira tão bem em toda sua vida. Débora gostaria de conhecer aquele homem e, se era poderoso como diziam seus discípulos, quem sabe se não poderia curá-la. Mas procurava não manter ilusões a esse respeito. Sua irmã era assim de nascimento. Seu caso não tinha remédio, argumentava consigo mesmo.

Chegando a Betânia, pararam na casa de Lázaro, que Simão conhecia, pois aquela e a aldeia onde morava eram muito perto uma da outra. Pediu, então, licença a Jesus para ir até em casa, pois queria trazer Débora para conhecê-lo. Jesus aquiesceu com um sorriso, dizendo:

— Vai e não te demores, pois hoje ainda partiremos para Jerusalém, logo após descansar um pouco e tomar algum alimento.

Débora, e Jesus

Simão encontrou Débora muito preocupada com ele. Os dois se abraçaram demoradamente, e a moça soluçou longamente em seu ombro, enquanto ele a confortava com muito carinho. Quando a irmã se acalmou, contou-lhe tudo o que acontecera, enfatizando o encontro com Jesus e a cura notável de que fora objeto.

Conferiu com ela o que fazia na hora que conversava com Jesus, verificando ser correta a revelação que o Mestre fizera. Confirmava, assim, que era um profeta, pois adivinhava coisas, e bem que poderia ser o Messias, conforme seus discípulos acreditavam.

Demandaram os dois irmãos à casa de Lázaro, para Débora conhecer o Rabi. Quando chegaram—ela carregada numa liteira por dois servos—, foram recebidos por Marta, uma das irmãs de Lázaro, que os conduziu ao cômodo interno, uma ampla sala onde o Mestre estava reunido com os discípulos, o dono da casa, Maria, sua outra irmã e alguns vizinhos.

Jesus os recebeu com carinho, principalmente a Débora, a quem se dirigiu em particular.

— Débora, minha irmã, tuas orações foram ouvidas pelo Pai e Ele providenciou para que Simão deixasse o tipo de vida que lhe acarretaria uma morte dolorosa e inglória, por nada produzir de bom, nem para ele e nem para nosso povo, a não ser mais desgraças. O novo caminho que ele trilhará não será menos doloroso, mas lhe proporcionará alegrias internas como jamais conheceu até hoje. Acompanha-lo-ás em suas novas funções, numa luta gloriosa pela implantação do Reino de Deus.

Ambos serão incompreendidos e perseguidos, e terminarão por dar a própria existência pelo ideal que estarão divulgando. Mas eu estarei ao vosso lado, sempre.

Débora, envolvida em intensa emoção, chorava em silêncio, ouvindo aquelas palavras. Não eram lágrimas de dor ou desespero, mas de alegria e felicidade. Sentia que agora sua vida começava a ter sentido. Muito mais que as palavras de Jesus, as imagens que se projetavam em sua tela mental, rememoravam cenas vividas no mundo espiritual, nas quais se via com o irmão e uma quantidade inumerável de outras pessoas, participando de uma reunião, onde o Mestre lhes traçava roteiros para tarefas a serem realizadas na Terra.

Finalizando, Jesus lhe disse:

— Minha irmã, para que possas cumprir os compromissos assumidos, como estás recordando, eu te devolvo, em nome do Pai, a faculdade da locomoção.

E, unindo gesto e ação, levantou-se, tomou as mãos da jovem nas suas e, com energia carinhosa, exclamou:

— Em nome do Senhor, nosso Pai, levanta-te e anda!

De imediato, formou-se uma expectativa tão forte que quase se podia tocar com as mãos.

Tomada de surpresa, Débora obedeceu sem sequer pensar em coisa alguma e, espantada, viu-se andar pela sala, a princípio vacilante, mas logo desimpedidamente.

Expressões de júbilo e assombro espocavam por todo lado. Não só a jovem andava, como suas pernas estavam absolutamente normais, sem qualquer sinal da atrofia que apresentavam antes, pela falta de uso.

Simão, em lágrimas, correu para a irmã e, abraçado com ela, ajoelhou-se ante o Mestre, sorridente, agradecendo-lhe a benção que haviam recebido.

Jesus os fez se levantarem, recomendando que guardassem todo louvor para o Deus de misericórdia, de quem partem todos os benefícios e dádivas de alegria e felicidade.

Quando os ânimos se asserenaram, Marta entrou na sala acompanhada de alguns servos que traziam doces variados, pães e bebidas, como vinho e hidromel.

Ao ver Débora andando, demonstrou seu assombro, pois a conhecia parálitica. Quando soube do que acabara de acontecer, começou a se lamentar:

— Eu nunca participo desses momentos, a não ser raramente. O cuidar da casa me toma todo o tempo. E voltando-se para Jesus, lhe disse:

— Rabi, bem que poderias aconselhar a minha irmã que me ajudasse, pois assim poderia me livrar mais rápido dos serviços domésticos e participar dos encontros contigo, onde tanto se pode aprender.

O Mestre fitou-a com muito carinho e lhe falou, enquanto passava a mão sobre a cabeça de Maria que estava sentada ao seu lado:

— Marta, Marta! Estás preocupada com muitas coisas. Uma só, todavia, é necessária. Maria escolheu a parte melhor.

Teimosa, Marta retrucou:

— Contudo, Mestre, se eu não preparasse os alimentos, nem cuidasse da casa, como poderias tu e teus discípulos, como também nossos visitantes, sentirem-se bem, reconfortados e felizes?

— Marta, eu já tive oportunidade de dizer a alguém que vive muito preocupado com o que é material: nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus. É certo que os cuidados com o lar são necessários, mas sempre existe uma forma racional para as coisas serem feitas. Cada um deve eleger suas priori-

dades na existência. E as espirituais devem estar acima de todas as outras. És uma excelente dona de casa, todavia os teus esforços neste sentido se dirigem ao corpo que, mais cedo ou mais tarde, morrerá. Tuas renúncias e sacrifícios nessa área devem ser reconhecidos, mas o quanto aproveitam a ti mesma? Medita no que esse teu afa significa, realmente.

E para dissipar o constrangimento que se fazia, tomou um confeito e, mordendo-o, disse:

— Devo confessar, contudo, que tens o dom de fazer, das iguarias terrenas, manjares celestiais. E por causa de pessoas como tu, é que me chamam de comilão e be- berrão.

Todos riram da observação, e se entregaram ao repasso com alegria.

O convite

Quando a refeição terminou, Jesus pediu a atenção de todos e voltando-se para Simão, disse:

— Meu amigo, até hoje lutastes por um ideal político, que julgavas correto, mas que só te daria dissabores e decepções, por não construir nada de efetivamente bom. O Império Romano, apesar de suas mazelas e crimes, vem realizando um trabalho que só as gerações futuras poderão compreender. Ele preparou a infra-estrutura física e cultural que permitirá a expansão da Boa Nova. Simão, a humanidade se desenvolve dentro de um plano que ultrapassa o entendimento humano comum, e que vem sendo implementado há incontáveis milênios. No futuro, os homens haverão de levantar uma parte desse plano, por meio de estudos e análises que atualmente não se pode compreender.

E abarcando a todos com seu olhar, no qual se podia vislumbrar um rápido fulgor de tristeza, prosseguiu:

— Antes disso, entretanto, os seres humanos haverão de passar por dores e sofrimentos sem conta. O povo de Israel verificará, entre angústias e agonias sem limites, que não pode fazer face à potência dominante. Jerusalém será reduzida a escombros, e cenas de selvajaria e horror acontecerão em seu interior.

Uma coisa porém te digo, Roma passará por todas as misérias e sofrimentos que tem feito vários povos passarem. O povo judeu, todavia, permanecerá, porque, apesar de todos os males que tem cometido, guarda uma certa fidelidade ao Senhor. Ele é o povo escolhido, não no sentido que se acredita, ou seja, um povo eleito por Deus de forma graciosa, mas por causa de sua fé num Deus único. A escolha reside no fato de que, por causa disso, eu pude vir à Terra, cumprindo as promessas que os profetas transmitiram.

Todos demonstraram surpresa ante a revelação. Jesus admitia ser o Messias, sem qualquer metáfora.

— Simão, para lutar pela causa de um mundo melhor, onde o homem não seja o lobo do homem, é que te convido a, se quiseres, ser meu discípulo.

Com lágrimas a escorrer-lhe pela barba, o Zelota respondeu:

— Senhor, coloco minha vida e meus bens à tua disposição. Onde quer que vás, te seguirei e, se necessário, darei minha vida por ti.

Jesus envolveu-o num olhar de muito amor, dizendo:

— Sei que o farás. És bom, generoso e fiel. E o Pai haverá de recompensar teu desprendimento com paz inextinguível e, um dia, encontrarmos-nos na Pátria Celestial, para fruir juntos a felicidade que nunca se acaba.

O Mestre, então, levantando-se, despediu-se dos anfitriões, alegando a necessidade de entrar em Jerusalém antes dos sacrifícios da tarde, no templo.

Recomendou a Simão que regularizasse sua vida e negócios, indo encontrá-lo, uma semana depois, em Ke- phar-Nahum.

Capítulo 5 o amor que resgata

Em resgate

As dores que ele sentia não podem ser descritas, por mais que se domine o vernáculo e por maior que seja o talento do escritor. Era uma situação de sofrimento agudo, permanente, que aumentava ou diminuía numa questão de ligeiras variações na intensidade e referências corporais. Mas era sempre a mesma e infinita dor, sem qualquer esperança de alívio. Seu companheiro de infelicidade passava pelos mesmos tormentos e, por mais que lutassem para não demonstrar fraqueza diante dos inimigos romanos, era impossível conter os gemidos que teimavam escapar por entre os dentes cerrados.

Depois de tantos anos, as autoridades romanas haviam conseguido emboscar o seu bando, chamado orgulhosamente Vingadores de Deus, matando seus companheiros, que venderam caro suas vidas, levando consigo vários soldados inimigos para o túmulo. Apesar de desejar morrer

lutando, fora capturado juntamente com Jeconias, seu amigo e lugar tenente. Agora ali estavam, depois de sofrerem torturas outras nas mãos dos legionários, enfrentando a tortura maior da crucificação.

Apesar de tudo, não se arrependia da vida de privações e sobressaltos que fora forçado a tomar, quando os cruéis inimigos de sua pátria lhe destruíram o lar, privando-o dos seus entes queridos. Durante os anos de guerrilha, matara vários soldados invasores, mas nunca exercera atos de covardia, como a tortura, para com eles. Eram soldados, e como tal deviam viver e morrer. Sobretudo nesse último caso, não se devia roubar a dignidade do lutador. Era essa sua filosofia de vida, e pautara sua existência de clandestinidade dentro desses princípios. Seus liderados nunca haviam abusado dos mais fracos, como mulheres e crianças, e quem tentou fazê-lo foi por ele executado, sumariamente.

Em meio à sua agonia, a memória voltava-se para os dias em que fora feliz, juntamente com seus pais e irmãs. Como lhe feria a saudade deles. Era como se pudesse sentir sua mãe outra vez junto a si, abraçando-o e alisando-lhe os cabelos. As lágrimas correram-lhe mais abundantes sobre a face dilacerada e coberta de hematomas. O que ele não sabia era que, realmente, em Espírito, tanto a genitora querida, como seu pai, envolviam-no temamente em seus braços, compartilhando-lhe dores e angústias, casando as próprias lágrimas com as suas.

A sublime vítima

Apesar do inferno de dores em que estava vivendo, Dimas teve a atenção voltada para a coluna dupla de soldados que saía da cidade em direção ao Monte da Caveira, enquadrando dois homens, um dos quais carregava a trave horizontal da cruz, seguidos de grade e barulhenta multidão. “Outro companheiro de infortúnio”, pensou, embora estranhasse só haver uma trave. Quando chegaram no local das execuções, pôde ver que o condenado era apenas um, pois trazia as marcas das torturas a que os romanos costumavam submeter suas vítimas. O outro fora requisitado para levar a complementação do instrumento de suplício, cuja haste vertical fora trazida de antemão.

A multidão demonstrava um ódio furioso contra o réu, incitada pelo Sumo Sacerdotes Caifás e por inúmeros líderes do Sinédrio.

Enquanto o condenado era pregado na cruz que fora composta pelos soldados, o povo ululava, como um bando de sádicos enlouquecidos, a cada batida do martelo e contorção do infeliz.

— Onde está teu poder, filho de Satanás?

— Por que não se salva agora, tu que dizias estar aqui para nos salvar, embusteiro?

“Esse homem deve ser um criminoso dos mais perversos, para despertar tanto ódio”, pensou Dimas, pois ele e seu amigo foram respeitados pelos que acompanhavam a crucificação, que demonstravam revolta com o ato e animosidade contra os soldados romanos que os escoltavam, os quais estavam tensos e preparados para repelir qualquer tentativa de libertação, e da multidão saíam palavras de incentivos e juras de vingança contra os dominadores. Mas ali, dominados e dominadores estavam confraternizados contra o condenado.

Antes de levantarem a cruz, o centurião que comandava o destacamento leu a sentença que estava escrita em uma grande tábuca, em latim, grego e aramaico, que fora trazida para a ocasião:

— Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus.

Enquanto a multidão ululava um protesto quase uníssono, o assombro fez Dimas esquecer por alguns segundos seus tormentos. Jesus de Nazaré, condenado como subversivo? Como poderia ser? Nunca o encontrara pessoalmente, mas conhecera algumas pessoas que haviam sido beneficiadas por ele, e a opinião geral entre o povo é a de que poderia ser o Messias. Chegara a planejar encontrá-lo, para oferecer o apoio de seu grupo na luta contra os dominadores. Mas os investigadores que enviara a fim de verificarem o que se podia esperar do pretendido Messias, o dissuadiram. Sim, o homem realizava notáveis curas, mas não se envolvia com política, nem tomava qualquer atitude de condenação aos romanos. Abandonara o projeto, embora continuasse a ter notícias do quanto Jesus vinha irritando a cúpula do Sinédrio. Que lhe pudessem aprontar alguma, isto ele esperava, pois conhecia o caráter dos líderes religiosos. Mas entregá-lo ao inimigo como subversivo era a suprema baixa. Um profundo sentimento de desprezo pelos chefes religiosos do povo judeu se apossou de seu coração atormentado. Ao mesmo tempo, uma onda de intensa simpatia pelo recém-chegado projetou-se de sua alma. Quando isso se deu, o novo crucificado, que fora colocado entre Dimas e Jeconias, virou o rosto desfigurado pelas sevícias para ele, e seus olhos se encontraram. Havia no olhar do Nazareno uma luz diferente que lhe penetrou a intimidade do ser. Era como se o martirizado tivesse o poder de lhe sondar os pensamentos e sentimentos mais secretos.

Nesse instante, seus sofrimentos diminuíram de intensidade. Não que as dores houvessem desaparecido de todo. Não era bem isso. Assemelhava-se a um distanciamento entre ele e o seu corpo, fonte dos inconcebíveis sofrimentos.

A troca fugaz de olhares provocaria ainda um outro efeito: sua mente voltou-se para um episódio que lhe acontecera, e à sua família, quando tinha cerca de quatro anos de idade.

Recordações

Ele nascera em Belém da Judéia, a cidade natal do grande poeta e rei Davi. Seus avós haviam deixado Nazaré, na Galiléia, e se estabelecido ali. Sua mãe, que era uma jovem de doze anos, casara-se com seu pai, um pequeno criador de ovelhas, e tivera três filhos: ele, Dimas, e suas duas irmãs: Sara e Obed.

As lágrimas rolaram pelas faces entumecidas do condenado, ante tais lembranças. Fora uma época de felicidade e paz.

Mas as lembranças continuaram a fluir. Um dia, um casal, com um filho recém-nascido viera morar na casa vizinha a sua. As duas famílias logo fizeram amizade, pois vinham da mesma cidade de origem da sua mãe. Ele gostava muito de ver o filho deles. Era um bebê muito bonito, e estar junto dele despertava sentimentos de paz e alegria. Ouvira seus pais dizerem, muitas vezes, que aquela família era abençoada por Deus, e que aquela criança estava destinada a um grande futuro. Isso porque, quando eles os acompanharam ao templo de Jerusalém para a cerimônia da circuncisão, um homem tido como profeta dissera qualquer coisa a respeito.

Outro fato interessante acontecera alguns dias depois de a criança completar um ano de idade. Uma caravana imponente chegara à cidade. Eram homens vestidos com roupas estranhas e montados em camelos e cavalos. Fora um alvoroço na cidadezinha. Toda a população saíra à rua para ver os forasteiros, os quais se dirigiram para a casa dos seus vizinhos, onde ele estava. Não entendeu muito bem o que conversaram, mas vira visitantes homenagearem a criança que chamavam de Rei dos Judeus, para espanto dos pais que, mais admirados ficaram, quando os estranhos depuseram presentes diversos aos pés da mãe, que sustentava o menino no colo.

Tudo isto fora motivo de conversas entre os habitantes de Belém por vários dias, e na casa do pequeno Dimas, naturalmente, seus pais trataram do assunto, mas não conseguira entender grande coisa, pois na sua idade o importante eram as brincadeiras.

Ora, como era mesmo o nome daquela criança? Depois de algum esforço recordou-se o nome da mãe dele: Maria, a qual fazia comidas e doces deliciosos. O do menino, como era mesmo? Josué? José? Ah! Sim, lembrava-se agora: Jesus. Seria possível? O seu vizinho atual de sofrimentos era o mesmo daqueles remotos anos? Voltou-se para olhá-lo e, novamente, seus olhos se encontraram e ele teve a certeza de que era a mesma pessoa. Foi uma surpresa que só a falta de ar veio interromper, e as dores que sentiu quando forçou os pés cravejados na madeira para levantar o corpo e poder respirar.

Como para amenizar as dores terríveis, as recordações voltaram mais fortes.

As duas famílias haviam se separado de forma abrupta e inusitada. Uma noite, em plena madrugada, todos foram acordados por batidas e chamamentos à porta. Era Maria quem chamava. Os pais de Dimas correram a abrir a porta, e ele que espiava de longe, viu que a mãe de Jesus estava muito aflita, pedindo que se afastassem da cidade. Mais tarde soubera do teor da conversa. José, o esposo de Maria, tivera uma visão em sonho, na qual um mensageiro de Deus lhe dizia para se levantar, tomar a esposa e o filho, e partir da cidade, porque uma desgraça se abateria sobre todos. Herodes, o rei, mandara assassinar crianças do local. E Maria instava para que os vizinhos fizessem o mesmo.

Ainda conversavam, quando José a chamou, dizendo que estava tudo preparado para a parada. Ela, em lágrimas, se despedira e, tendo

apanhado a criança, partira.

Seus pais discutiram por algum tempo sobre o assunto, e resolveram partir imediatamente para Jericó, onde o genitor tinha negócios a resolver. Lembrava-se da correria da arrumação. Os criados a receber instruções e, finalmente, a partida. Recordava o vento frio da noite, e o sono que o fazia, como a suas irmãs, andar tropeçando e choramingando.

No meio do caminho, tinham ouvido um tropel de cavalos. Felizmente estavam passando por uma plantação de oliveiras e, entrando nela, esconderam-se, bem como os jumentos que carregavam suas coisas. Pouco tempo depois, uma visão assustadora: uma tropa dos temíveis mercenários germânicos de Herodes passou a toda velocidade, rumo a Belém. Todos ficaram tranzidos de medo. Seu pai estava pálido, com as mãos tremendo, e sua mãe soluçava baixinho. E isto permanecera assim até que chegaram a Jericó, na tarde daquele dia. Pouco tempo depois viera a notícia terrível: todas as crianças do sexo masculino, de dois anos para baixo, haviam sido mortas pelos soldados do rei. Ainda recordava como sua mãe chorava, apertando-o entre seus braços, e lamentando as famílias que conhecera, e que haviam sido vitimadas pela tragédia. Durante muito tempo externara sentimento de culpa por não haver avisado aos demais moradores de Belém, embora seu pai lhe dissesse que de nada teria adiantado, pois não acreditariam neles, assim como haviam relutado em atender às súplicas de Maria.

Nova asfixia renovava o torturante processo de firmar os calcanhares pregados, para levantar o corpo e respirar.

Quando, a onda de dor voltava ao nível que se fizera habitual, ouviu a voz do seu amigo Salmon que, imitando a multidão, agredia com suas palavras a Jesus:

— *Não és tu o Messias? Salva-te, pois, a ti mesmo e a nós*⁵ Farsante, que te adiantou não fazer oposição aos romanos? Eles te matam, assim como a nós. Eu pelo menos matei vários deles com minhas mãos, e não me arrependo. O meu ódio por eles me dá forças neste instante. E tu, infeliz?

Tomado de indignação, Dimas replicou, de imediato:

— *Nem tu, que estás sofrendo o mesmo suplício, temes a Deus? Nós padecemos com justiça, porque recebemos o castigo digno de nossas obras, enquanto este nada fez de mal*⁶.

E arrebatado por um sentimento de profundo arrependimento, que suas palavras lhe despertavam, dirigiu-se ao Nazareno, em súplica:

— *Jesus, lembra-te de mim quando chegares ao teu reino.*

E Jesus lhe respondeu:

— *Com certeza te digo: ainda hoje estarás coikigp no paraíso*⁷

Os portais do reino

Parecia a Dimas estar acordando de um longo pesadelo. Recordava, sentindo, as dores da crucificação e, principalmente, das pancadas com que o soldado romano lhe quebrara as pernas. Daí em diante fora a falta de ar, a visão que escurecia e uma coisa intrigante: revivera toda a existência, desde o momento do nascimento, até a perda da consciência. Acompanhara, espantado, todos os pensamentos, emoções e atitudes que foram seus, nos mínimos detalhes. O interessante era que, todos os atos, tanto internos quanto externos, que haviam sido incorretos eram acompanhados de uma visão semelhante, mas paralela, em que lhe era mostrado qual deveria ter sido o procedimento correto. Era como se toda sua existência estivesse sendo analisada, num balanço detalhado, com tudo o que fizera sendo devidamente sopesado e avaliado. Ao final, lhe sobrara a sensação desagradável de falência, com um imenso passivo de erros contra o mínimo de acerto.

Quando abriu os olhos, deparou-se com o rosto de uma velhinha simpática e sorridente, ladeada por outras pessoas que não conhecia.

— Que bom, meu querido Dimas! Acabas de despertar.

A voz da velhinha lhe soou familiar, mas não conseguia se recordar de onde a conhecia.

— É claro que não recordas de mim, pois vim para o mundo das almas quando estavas para nascer. Sou tua avó Salomé.

Ah! Então os mortos se encontram, pensou Dimas, ante a revelação.

Demonstrando ler-lhe o pensamento, Salomé respondeu:

— E claro que os *mortos* se encontram, pelo simples fato de que ninguém morre, somente o corpo é que o faz. Mas, sobre isso conversaremos mais tarde. Bebe esta medicação, para descansares um pouco. Quando estiveres bem recuperado de tudo o que te aconteceu, veremos-nos novamente.

E enquanto a velhinha lhe acariciava o cabelo, ele pode adormecer tranqüilamente, sentindo grande bem estar e alegria. Quando acordou, sentiu-se recuperado. Estava sozinho, deitado em leito espaçoso, no que devia ser um amplo salão, bastante iluminado pela luz do sol, e um conjunto de biombos de madeira e pano o separava do resto do cômodo. Percebia que havia muitas pessoas ali, tanto pela movimentação que podia pressentir, quanto pelos gemidos que ouvia de quando em vez. Devia ser um lugar onde se abrigavam doentes após a morte, pensou consigo. Tal pensamento lhe trouxe à memória os seus sofrimentos de antes.

Apenas se recordou e logo passou a senti-los com crescente intensidade. Em pouco tempo, parecia-lhe estar outra vez crucificado. Seus gritos atraíram os atendentes do lugar, que logo passaram a ministrar-lhe socorros, enquanto lhe ordenavam voltar ao presente, esquecendo a terrível provação.

Pouco a pouco se acalmou, sob a ação do tratamento

a que fora submetido, que constara, principalmente, de imposição das mãos e de um líquido leitoso que o fizeram beber. Tornou a adormecer, e quando despertou viu que sua avó estava sentada ao seu lado, juntamente com um homem maduro, vestido à maneira grega, que lhe sorriu, afetuosamente.

— Meu filho — disse-lhe a avó — soube da crise que te acometeu ontem à tarde. Deves aprender que, nos planos da alma liberta, onde nos encontramos, a memória tem o poder de recriar sentimentos e emoções anteriormente vividas. Assim, toda vez que as recordações te procurarem, luta para manter a mente no agora, deixando o passado no seu devido lugar, até que possas manusear as lembranças com o necessário domínio próprio.

Em seguida, virando-se para o estranho que ali estava, Salomé disse:

— Dimas, apresento-te o nosso irmão Mardônio, médico em nossa cidade, que vem cuidando de ti.

O apresentado, levantando-se, pôs-se a auscultá-lo, depois de rápido e gentil cumprimento. Nesse momento, Dimas lembrou-se dos seus companheiros de execução e indagou:

— Avó, onde estão Jecomias e Jesus?

A velhinha lhe respondeu:

— Teu amigo e companheiro de erros não vai poder estar contigo por muito tempo, mas tu, em breve, poderás visitá-lo nas sombras onde se encontra. Quanto ao Messias, ele te trouxe até aqui e, em seguida, foi cuidar das altas tarefas que lhe são atribuídas.

Mal Salomé dissera a última frase e uma voz se fez ouvir logo atrás dela:

— A paz de Deus esteja em vossos corações!

Era Jesus. Ele se dirigiu a Dimas, com um sorriso:

— Dimas, meu irmão, estás numa região espiritual que ! um Paraíso diante da Terra conturbada de onde acabamos de vir. Verás que,

⁵ Lc 23,39

⁶ Lc 23,40-41

⁷ *Lc 23,41-42

diferentemente de lá, aqui reina o esforço sincero para se cultivar o amor ao próximo. Todos os que chegam aqui são devidamente instruídos a se dedicar ao cultivo dos mandamentos e a viverem no espírito, buscando compreender a vontade do Pai.

Não estás aqui por um simples privilégio, mas tua generosidade num momento de rudes sofrimentos revelou que estás maduro para desenvolver o Reino no coração.

Espero que desenvolvias os mais intensos esforços para mudar conceitos e atitudes mentais, que te levaram à vingança e ao crime. Se te devotares à tarefa de mudar esses sentimentos, transformando-os em dedicação fraterna ao próximo e, mais ainda, se conseguires mudar o ódio em amor, de tal forma que possas senti-lo até pelos que se façam teus mais empedernidos adversários, então alcançarás, em pouco tempo, o direito de viver para sempre nas regiões da eterna luz.

E envolvendo todo o ambiente na Sua luminosidade impossível de ser descrita, o Mestre desapareceu, da mesma forma como chegara: com votos de paz para todos.

Daquele momento em diante, todos os que estavam ali internados apresentaram visíveis melhoras.

Dimas, em pouco tempo, integrava-se aos trabalhos da cidade espiritual a que fora recolhido, a qual lhe causou, a princípio, certa estranheza, pois encontrava ali romanos e diversas pessoas das nações que lhe estavam subordinadas. Todos vivendo no esforço continuado da fraternidade legítima.

Duzentos anos após esses fatos, vamos encontrar Dimas reencarnado em Roma, sob a personalidade de cidadão pobre, seguidor fiel dos ensinamentos de Jesus. Possuindo notável faculdade curadora, socorria os enfermos e amparava os necessitados, com o auxílio de vários companheiros de ideal.

Denunciado e preso por causa de sua crença, suportou as sevícias com estoicismo, como da vez anterior, incluindo nova crucificação. A diferença estava em que, agora, seus pensamentos e palavras eram de perdão pelos seus torturadores. Durante todo o seu martírio, que durou muito menos tempo dessa vez, sentia a presença amorável de Jesus, confortando-o e, finalmente, recebendo-o após se desligar do organismo traumatizado para, juntos, voltarem rumo às esferas da felicidade imorredoura.

CAPÍTULO 6 Libertação

O sonho

Essa noite tive um sonho muito estranho.

Assim Rubens Diastério iniciou sua “análise”, naquele dia, após a troca de cumprimentos com Silvanir Furletti, a psicóloga com quem fazia análise há algumas semanas. *Sentia* grande ansiedade de contar o episódio que lhe tomara a mente, durante o sono daquela madrugada.

— Eu me via numa cidade que sabia ser Salvador⁸, mas de aparência muito diferente. As casas eram bem antigas, como deveriam ser as cidades no tempo da Roma imperial. Andando por algumas ruas estreitas, vi-me, repentinamente, na entrada de um túnel, que deveria ser o Américo Simas⁹, construído com grandes pedras, e muito comprido. Andei por ele durante um longo tempo, achando interessante como estava tão diverso do que é na realidade. “Devem tê-lo remodelado”, pensava. Mas como fizeram para encompridá-lo tanto? Perguntava-me, sem obter qualquer explicação.

Após ter dobrado uma curva, vi que chegava ao final do túnel, o qual desembocava na Praça Tomé de Souza. Mas a praça não era igual | que todos conhecemos. Não havia o Elevador Lacerda, nem o antigo Paço Municipal, nem o velho Palácio do Governo. Por outro lado, toda a região da Cidade Baixa—Praça Cairu, Mercado Modelo, Igreja da Conceição da Praia, Companhia Docas da Bahia, enfim todo o Bairro do Comércio — não existia. Tudo estava tomado pelo mar que, encapelado, batia em pontudos rochedos que ficavam vários metros abaixo de grande despenhadeiro.

Olhando em volta, vi que a saída do túnel havia desaparecido, e a elevação em que fora escavado. Em seu lugar, agora, via-se uma planície asfaltada, com algumas árvores por ela disseminadas. Ouvindo um ruído atrás de mim, voltei-me e vi um pequeno rebanho de ovelhas, guardadas por um pastor que segurava um cajado, e vestia uma roupa igual à fantasia dos integrantes do bloco carnavalesco Filhos de Gandhi¹⁰. Mas em lugar do turbante, usava uma tira de couro de carneiro amarrada em volta da cabeça.

Ele se aproximou de mim e, sorrindo, ofereceu-me algo semelhante a uma garrafa de Coca-Cola, dessas descartáveis de dois litros, cheia de um líquido dourado, que eu sabia — não me pergunte por quê —, ser ambrosia¹¹. No mesmo instante, fui tomado de intensa raiva. Era como se aquele pastor e suas ovelhas me houvessem causado uma grande perda que eu não conseguia desculpar. Por isso, recusando acintosamente a oferta, voltei-me, e à minha frente estava um cocho de alimentar animais, cheio de restos de comida misturados com pedaços de vegetais e frutas estragados. Para demonstrar minha raiva e repúdio pelo pastor e seu rebanho, pus-me de quatro, como se fora um porco, e comecei a comer aquela mistura nojenta. Olhando disfarçadamente para o pastor, vi que ele ficava triste com minha atitude. Nesse instante apareceram uns indivíduos usando antigas máscaras de Carnaval, os quais quase se atiravam contra mim, como se quisessem me agarrar. Tomado de pânico, saí correndo sem prestar atenção para onde ia e, em dado momento, senti-me caindo no precipício, em direção ao mar. Era uma queda engraçada, como se eu caísse em parafuso, qual um avião que despenca contra o solo. Acordei antes de chegar às águas revoltas, que erguiam grandes ondas, como a me querer apanhar. Uma sensação estranha de medo, perda e vergonha, fez-me ficar arfando no leito durante muito tempo, e soluçando feito criança. E saiba que é a primeira vez em muitos anos que eu choro. Quando me acalmei, vi que o relógio marcava quatro horas da madrugada, e daí por diante não mais pude dormir, ansioso para que chegasse logo o momento da minha consulta com você, para lhe contar esse sonho estranho.

Retorno ao passado

Silvanir acompanhava com atenção o relato de Rubens, observando também suas reações físicas. À medida que a narrativa se aproximava do fim, ele demonstrava inquietação, finalizando com o peito arfando, como se lhe faltasse ar; a testa porejada de suor, as mãos se contorcendo uma contra a outra e os olhos marejados de pranto. Era sem dúvida algo muito importante que emergia do inconsciente daquele homem de 44 anos, formado em processamento de dados pela Universidade Federal da Bahia e analista de sistemas numa grande empresa prestadora de serviços por todo o estado.

Como Silvanir, ele era espírita e conhecido conferencista e médium, tendo publicado alguns livros que psicografara. Sempre fora uma alma religiosa, cheia de medos e preconceitos. Mas, agora, passava por uma profunda transformação, superando velhos tabus, e assumindo uma postura mais consciente da vida e seus problemas. Como isso lhe deixava psicologicamente abalado, resolveu procurar o auxílio de um psicólogo, e escolheu Silvanir por três motivos importantes para ele: um era o fato de ela ser da mesma religião, permitindo uma comunicação mais fácil, pois muita coisa envolveria assuntos doutrinários, bem como vivências mediúnicas, o que outro profissional, não iniciado no

⁸A capital do estado da Bahia.

⁹Túnel que permite o trânsito entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa.

¹⁰ Tradicional bloco carnavalesco da Cidade do Salvador, cujos participantes se vestem à semelhança dos habitantes da Índia, e homenageiam o célebre Mahatma Gandhi.

¹¹ Comida dos mitológicos deuses do Olimpo grego.

Espiritismo, teria dificuldades para entender, e até distorceria por causa de conhecidos preconceitos. Outro motivo dizia respeito à corrente ideológica adotada por ela: a Psicologia Complexa, desenvolvida pelo psiquiatra Suíço Cari Gustav Jung. E finalmente, a sua indiscutível capacidade profissional.

Formada pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, Silvanir fizera pós-graduação em Psicologia Analítica no Instituto Junguiano da Bahia. Realizara também cursos em Terapia Regressiva a Vivências Passadas com o Conhecido psiquiatra norte-americano Roger Woolger, que ficou profundamente impressionado com | inteligência, cultura, rapidez de raciocínio e intuição daquela soteropolitana¹² de apenas 25 anos.

Enquanto Rubens narrava o sonho, a jovem profissional pressentira que ali estava a chave para desvendar as raízes do *complexo de culpa* que identificara em seu cliente desde o primeiro encontro terapêutico, que atuava em sua vida de maneira intensa. Por um lado, criava obstáculo em determinados aspectos da vida cotidiana, interferindo em sua capacidade afetiva e nos empreendimentos financeiros, impondo-lhe uma vida econômica sempre precária; por outro, era o fator principal que o levava a realizar um bom trabalho de assistência junto a comunidades carentes das favelas da cidade. Por mais que levantasse os episódios da infância e adolescência dele, não conseguia identificar qualquer situação que tivesse a necessária intensidade *afetiva* para gerar um complexo de tanta magnitude como aquele.

O simbolismo do sonho era muito rico, e denunciava interferência de uma situação de grande conteúdo emocional em alguma existência anterior. As associações que foram produzidas no processo de ampliação dos conteúdos do sonho ficavam gravitando em torno de situações acontecidas na véspera, ou de fatos ocorridos na infância, que tinham sido trabalhados em outras sessões. Por isso, Silvanir se decidiu:

— Rubens, no seu caso a minha recomendação é de se aplicar a TRVP¹³, pois estamos diante de um impasse, e tudo indica que as respostas estão no seu passado espiritual. Você está disposto a tentar?

— Sem dúvida! Estou resolvido a solucionar meus conflitos e mudar radicalmente o rumo de minha existência.

Como o tempo da sessão estava praticamente esgotado, ficou marcada outra para dali a dois dias, sendo a última de todas, por precaução, o que se mostrou uma boa medida, como veremos.

A escolha.

No dia e hora marcados, deram início à aplicação da TRVP. De acordo com o método de Woogler, que se centra mais especificamente na imaginação ativa, processo mental criativo desenvolvido por Cari Gustav Jung, com algumas adaptações por aquele psicólogo americano. Rubens foi posto em estado de relaxamento e deixou correr as imagens mentais — a partir de frases de estímulo colocadas por Silvanir —, até que uma se fixou com mais intensidade. Ele se via no cômodo de uma casa em estilo grego, com uma idade regulando com a sua atual. O aspecto porém, era bastante diferente. Mais baixo, atarracado, com barba e cabelos abundantes. Nariz formando quase um perfeito triângulo retângulo, característica da raça grega dos tempos clássicos. Estava sentado diante de uma mesa onde se encontravam várias tabuinhas de cera e rolos de papiros, enquanto outros se empilhavam em escaninhos distribuídos ao longo das paredes. Algumas pessoas, que sabia escravos, executavam diversas tarefas pela sala vasta. Sabia-se um grande fazendeiro, criador de diversos tipos de animais, tendo porém como especialidade a criação de suínos que, depois de mortos, tinham suas carnes secas ao sol e salgadas, para ser vendidas às caravanas e exportadas para diversas regiões da Síria.

Em determinado momento, uma algararra se fez ouvir, vinda da entrada da casa, e aproximou-se, terminando por um grupo de servos invadir a sala, praticamente carregando um escravo que demonstrava extremo cansaço.

Radamanto, o escravo capataz, encarregado da vara de porcos, chegou à sede da fazenda quase sem fôlego, pois vencera na corrida, sem parar, os seis quilômetros que a separavam da borda do lago:

— Os porcos.... os porcos... os homens... o lunático... ribanceira..

Theopompos, o dono da propriedade, assustado com a cena, bem como os outros escravos que haviam ocorrido, pedia-lhe:

— Calma! Tenha calma! Descanse um pouco, para poder falar direito.

E voltando-se para os que estavam à volta, gritou:

— Alguém apanhe água para ele!

Enquanto isto, Radamanto, amparado pelos companheiros, estava sentado no chão, arquejante e lívido.

A custo bebeu a água em goles rápidos, por entre espasmos da respiração ofegante. Ao mesmo tempo prosseguia tentando falar:

— O galileu... os demônios., os porcos... despenha- deiro...

Theopompos, a esta altura, já estava sentindo crescente preocupação. Adivinhava que algo muito grave acontecera com seus preciosos porcos. Irritado, tomou o escravo pelos ombros, e sacudindo-o violentamente, passou a gritar:

— O que aconteceu com meus animais? Vamos, diga logo!

Aí foi que a situação ficou complicada. Além do cansaço, o capataz agora demonstrava pânico no rosto.

— Não... culpa... mágico... demônios...;

Vendo que seu gesto só fazia agravar as coisas, Theo- pompos conteve a custo sua ansiedade, enquanto tentava acalmar seu escravo.

— Certo! Sei que você não teve culpa. Mas se acalme e conte-me tudo o que houve.

Asserenado pelo tom do seu dono, o escravo conseguiu reunir forças e, entrecortadamente, contou o que acontecera.

Estava ele, juntamente com os escravos sob suas ordens e os dos outros criadores das redondezas, cuidando da vara sob sua responsabilidade, quando vira aportar na estreita enseada um barco que, há algum tempo, tinham observado se dirigir para ali, vindo das regiões judias, do lado oposto ao que estavam. Do barco haviam saído 13 homens, que subiram a encosta íngreme, como se pretendessem ir para a cidade.

Mal haviam chegado ao altiplano, e um grito estridente cortou os ares. Era Aziel, o louco, que vinha correndo em direção ao grupo de recém chegados. Ele e os demais puseram-se a rir, antecipando a cena que iria acontecer.

Todos sabiam que os guardadores de porcos, bem como viajantes, haviam sido atacados em diversas ocasiões por aquele lunático que morava nos sepulcros ali perto. Algumas vezes, o infeliz havia sido escoraçado depois de muito apanhar de cajados e varapaus, e não se conseguia entender como ainda vivia, pois em várias ocasiões fora deixado estendido no chão, sangrando abundantemente, como morto. Para evitar os prejuízos que o louco causava, procuraram prendê-lo. Todavia, ele sempre quebrava as correntes, e fugia de volta para os sepulcros, onde morava como se fosse um animal. Era crença geral que ele estava possuído pelos demônios, por isso tinham um medo supersticioso dele.

Continuando sua narração, disse que Radamanto e os demais haviam se aproximado do grupo, antecipando a diversão gratuita de que gozariam, mas os acontecimentos se desenrolaram de forma totalmente inesperada. Ao chegar perto do homem que liderava o grupo, lançou- se-lhe aos pés, como a lhe prestar homenagens. O Galileu, no mesmo instante, deu uma ordem:

— Espírito impuro, sai desse homem!

Imediatamente, com sua conhecida voz rouca, Aziel replicou:

— *O que há entre mim e ti, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Não me tortures.*

Imperturbável, o estranho perguntou-lhe:

— *Qual é o teu nome?*

— Legião, porque somos muitos. Respondeu ele.

¹² I Do grego Sóteros (= salvador), designação de quem nasce na Cidade do Salvador, capital do estado da Bahia.

¹³ Terapia Regressiva a Vivências Passadas.

*E rogou-lhe, encarecidamente, que os não mandasse para fora da região*¹⁴.

Nesse ponto da narrativa, o rosto do escravo refletia um medo incontornável. E ele começou a se lamuriar, dizendo que não tinha culpa. E prosseguiria assim, se o senhor não lhe houvesse aplicado uma violenta bofetada, ordenando-lhe continuar.

Ele, então, num repente, prosseguiu:

— E os espíritos imundos, falando pela boca do ende-moniado, pediram ao galileu, chamando-o de Jesus, que os mandasse para os porcos, para entrarem neles. E o tal Jesus deu-lhes permissão. Aí, toda a manada de porcos, tanto a nossa como as dos outros, entraram a correr, desabaladamente, em direção ao precipício e, antes que pudéssemos fazer qualquer coisa, despenharam-se, morrendo todos.

Theopompos ficou lívido de raiva e passou a esmurrar o escravo, que clamava por piedade, mas, de repente, saiu porta afora, gritando aos servos para que lhe trouxessem seu cavalo, se armassem com o que encontrassem, e o seguissem. Partiu, então, em feroz galope, em direção à orla do lago.

A caminho, cruzou com várias pessoas que vinham de pontos diversos, na mesma direção, e entre elas estavam dois de seus amigos que também criavam suínos.

Ao chegarem à beira do lago, uma surpresa os aguardava. O ex-possesso estava sentado à porta de uma das casas que havia por ali, meio espaçadas. Quase não o reconheceram, pois estava limpo — por haver tomado banho —, e comia pão, com pedaços de peixe seco e vinho, juntamente com os desconhecidos — os galileus citados pelo capataz —, tranqüilamente.

Tomando a frente, pois era o maior criador de porcos, o mais rico e influente personagem da região dos Gadarenos, Theopompos mal conseguia falar, dado a raiva que o possuía. Aqueles homens lhe haviam imposto um severo prejuízo e se ele alcançara a situação financeira abastada não fora por se deixar lesar dessa maneira.

Durante a viagem, fizera mil planos para cobrar e, naturalmente, se vingar dos que lhe haviam causado tamanha perda.

— Quem é o chefe de vocês, disse asperamente, com os olhos fixos no homem de cabelos compridos, à moda dos que haviam feito voto nazireu entre os seguidores de Moisés.

O homem levantou-se, calmamente, e envolvendo-o com um olhar de profunda paz, apresentou-se:

— Chamo-me Jesus, e sou da cidade de Nazaré, nas montanhas da Galiléia. Não me apresento na qualidade de chefe, pois só existe um que pode merecer tal título da humanidade inteira: o Pai, que está nos céus, meu caro amigo Theopompos.

A referência nominal causou estranheza e espanto ao geraseno.

— De onde me conheces? Indagou o grego, surpreso pela inesperada recepção.

— Se te dissesse a quantidade de tempo em que te acompanho os passos, decerto não acreditarias. Portanto, dir-te-ei apenas que me lembro de ti numa manhã particularmente dolorosa, na Ilíria, quando tinhas apenas 19 anos. A morte súbita de tua mãe foi, sem dúvida, um rude golpe, o qual mudou tua atitude perante o mundo e os seres humanos.

Theopompos surpreendeu-se com a revelação. Sem dúvida, aquele fora um dia que o transformara em alguém duro e insensível, pois vira seu pai ser preso e escravizado por causa de dívidas, e ele, junto com sua mãe, serem postos para fora do pequeno sítio onde moravam, e única fonte de parco sustento. Obrigado a mendigar, jurara que haveria de vencer e se vingar dos que lhe haviam causado tamanha desdita. O que terminou consequi «vitória» quanto a vingança, e seguiu amargura a amargura que lhe tomara a alma.

Sentia naquele momento que estava diante de um ser humanodênterente, cujos olhos pareciam ler-lhe os segredos mais íntimos» devassando-lhe a alma. Por rápidos instantes sentiu um impulso de conhecer melhor aquele galileu» pois algo parecia lhe sussurrar que ele possuía recursos para lhe pacificar o coração, devolvendo-lhe a alegria de viver que conhecera na infância. Mas sua «som» lhe fez superar aquele impulso de transformação, e a memória o prejuízo que o judeu lhe causara, e seu coração voltou a insensibilidade habitual.

— Não me interessa o momento como chegaste a conhecer esse fero, mas não me interessa no momento. Fui informado de que, por artes mágicas, curaste esse lunático, mas que para tanto, sacrificaste os animais que formam a base da economia de nossa região, e sustentam a minha vida e a dos companheiros que aqui estão. O nosso prejuízo é grande, e poderíamos te arrastar aos tribunais para que nos ressarcisses o que perdemos. Como vemos que possúis poderes sobrenaturais, não nos arriscaremos a te enfrentar. Todavia, em nome dos habitantes de Gerasa, rogo-te que deixes nossas terras — juntamente com teus companheiros — e que aqui não voltes a pisar, pois se isso acontecer não teremos mais contemplação contigo.

Jesus olhou mais internamente nos olhos de Theopompos — porque se sentiu profundamente conturbado, e replicou:

— fizeste uma escolha interessante entre a palavra de Deus e os porcos. Poderias resolver as angústias que te sufocam o coração e amarguram tuas noites, mas preferes a companhia e o lucro que teus animais te conferem... Um dia, porém, virás ao meu criatório, e estarás esperando para oferecer o «fruto» abençoadas da paz e da alegria. Infelizmente isto só acontecerá depois de muitos séculos de dor e sofrimento, Mas cada um tem a liberdade de escolher suas próprias companhias e seu próprio caminho.

Voltando-se para seus companheiros pediu que Use acompanhassem de volta ao barco.

Nesse momento, o ex-obsediado lhe rogou que o deixasse segui-lo como um novo discípulo, ao que Jesus objetou com infinito carinho:

— Agora não. Preciso de ir junto aos teus. Retorna para eles e sê a minha Boa Nova, a viva demonstração do poder do Pai. Vive de acordo com os mais nobres ditames do amor e da pureza de coração, para que ceu exemplo arrebathe muitos corações para o Reino dos Céus.

A crise transformadora

A visão desapareceu e Rubens, no auge de uma crise emocional, rebolcava pelo chão, espumando por entre soluços e urros de dor moral.

— Eu rejeitei Jesus... Eu preterei os porcos... Não mereço companhia!...

Silvanir deixou transcorrer alguns minutos, «meio» para se recobrar do impacto daquela revelação, e segundo para que a catarse esgotasse o máximo possível o cometido afetivo das lembranças. Sabia que estava diante de uma situação muito delicada e que Rubens faocava uma linha entre a razão e a loucura. Todavia, algo lhe diria que forças superiores estavam agindo em hooerido vicie. Puiccia escutar uma voz, a dizen

¹⁴ ⁸Mc 5,1-10.

— Agora ele fera a escolha correta.

Muitos minutos depois, a tempestade emocional foi amainando, e Rubens aquietou-se no chão, chorando baixinho, encolhido em posição fetal.

Quando ela conseguiu fazê-lo se levantar, o relógio indicava alguns minutos além das dez horas da noite. Cinco horas haviam se passado, desde que começara a sessão de terapia.

Ao saírem do consultório, ela acompanhou-lhe o carro até o edifício onde residia. Naquela noite demorou a dormir, ainda emocionada por tudo que acontecera. Repassando mentalmente o sonho de Rubens, algo a inquietava: a forma como ele se via cair em direção ao mar. Uma certeza se fazia em seu íntimo, o tempo de existência de Rubens estava chegando ao fim. Tentou racionalizar o problema, mas não conseguiu afastar o pressentimento. Uma intuição lhe disse, então naquele momento:

— Sim, estava nos planos reencarnatórios dele uma morte por acidente, com queda de uma grande altura. Todavia, hoje, a misericórdia de Jesus lhe concedeu um prolongamento desta existência, confiando no desenvolvimento espiritual que agora começa.

A emoção fora muito forte para Rubens, ele teve de ser hospitalizado, tomado de intensa febre, que só veio a ceder após uma semana de intensivo tratamento. Quando finalmente voltou à terapia, apresentava-se muito magro e abatido, mas demonstrava estar superando o abalo da revelação. O processo de integração à consciência daquele conteúdo demorou alguns meses. E a existência de Rubens sofreu uma mudança radical. Suas escolhas se tornaram mais corretas, o complexo de culpa se esvaneceu a olhos vistos, e a energia liberada facilitou-lhe um salto qualitativo no caminho da individuação, pois dinamizou conteúdos mentais positivos. Sua *tznzTmz** que antes apresentava feição destrutiva., tornou-se eficiente intermediária entre o *ego* e o *self** o que podia ser identificado pelos sonhos nos quais este se manifestava em forma de toma mandala como que formada em cristal, com arabescos impossíveis de ser reproduzidos.

Enfim, agora Rubens era de fato “renovada em Cristo Jesus”.

POSFÁCIO

Chegando a Lyon

A madrugada ia a pleno quando parei sobre a cidade adormecida. A lua cheia cumpria sua trajetória noturna, lentamente, derramando luz prateada por todo o ambiente, criando pelos bairros da cidade arabescos de sombra e luz difusa, com um toque fantasmagórico, próprio dos *thrillers* de suspense. O Ródano e o Saôna, como o faziam a incontáveis milênios, refletiam o disco lunar que, vez por outra, desmanchava-se em mil pedaços reluzentes, cada vez que a brisa noturna lhe eriçava o espelho movediço.

Sob a luz da lua, podia se ver o aeroporto de Satolas, as auto-estradas que o circundam e atravessam em largas avenidas, o Centro de Convenções, os hospitais, a biblioteca, o auditório, o magnífico teatro. O distrito comercial de Part-Dieu. A estação do TGV e o metrô, a Casa da Ópera e o Museu de Artes Plásticas.

O ambiente espiritual se mostrava, de algum modo, pacificado, pois com a grande maioria dos habitantes repousando das tarefas diárias, as paixões que cultivavam durante o dia se achavam, de alguma forma, adormecidas temporariamente. Aproveitando-me disso, deixei-me tomar pela beleza do cenário, saturando-me das emoções mais delicadas e suaves que ele inspirava. Concentrando-me no propósito de contatar “a memória da natureza”, busquei sintonizar os registros que a cidade implantara nela, ao longo do fluir do seu processo histórico.

Viagem mental contra o fluxo do tempo

Gradativamente, à medida que o tempo parecia recuar lentamente, o ambiente sofria mudanças, tanto psíquicas quanto físicas. Por sua vez, o contorno da cidade parecia encolher os novos bairros desapareciam e os andgos a configuração anterior. As construções passavam pelo mesmo processo, desaparecendo os novos prédios e retornando os que haviam sido demolidos para lhes dar lugar, ou reaparecendo os terrenos desnudos onde foram erguidos.

Primeiro vi a Lyon heróica da Segunda Guerra Mundial, capital da resistência francesa aos arrogantes e cruéis nazistas — onde despontava a figura intrépida de Jean Moulin — que humilhavam a França derrotada logo nos primeiros movimentos da terrível matança.

Em seguida, fui à Lyon do século XIX. Registrava psiquicamente os eventos que a coletividade vivera, sentindo o impacto dos medos, ódios e ansiedades que o grupo social do momento sofrerá como se fosse um único organismo. Foi assim que pude identificar os conflitos trabalhistas nas primeiras greves que os operários da indústria têxtil da cidade promoveram, na justa reivindicação de melhores condições de vida e tratamento por parte dos seus patrões, quando a indústria dos panos de seda foi mecanizada, gerando graves conflitos sociais com as revoltas de trabalhadores de 1831 e 1834. Pouco depois assistí ao surgimento de Lumière com sua extraordinária invenção, em 1894, da cinematografia.

Continuando o incrível retorno, num processo de *comunhão metafísica*, pude sentir o medo, a dor e angústia provocados por Fouchet e seus asseclas quando, na ânsia criminosa de cumprir os decretos revolucionários da convenção em 1793, tentaram riscar a cidade do mapa: *{não mais Lyon}*!, começando pela prisão e morte por fuzilamento de centenas de seus cidadãos, pelo crime de permanecerem leais à realza deposta e assassinada pelo macabro delírio do *Terror*. Orei, compungido, por vítimas e algozes, almejando-lhes a reconciliação necessária, no amor que tudo corrige e aprimora.

O tempo continuou a fluir ao inverso, enquanto a paisagem flutuava ante minha visão, de forma caleidoscópica. Dentro em breve apareciam as conformações da Lyon dos tempos medievais, com suas muralhas, ameias, portões... Vi o prestígio sem rival da Lyon dos séculos XV e XVI, com seu florescente comércio, suas quatro feiras anuais. Os bancos e as permutas de mercadorias na Praça das Trocas. O aparecimento das primeiras cartas de crédito. Os artistas e intelectuais de toda a Europa que a visitavam, como Rabelais, a poetisa Louise Labé — a Bela Cordière — e seu salão onde tertúlias culturais marcavam época. A sua pujante indústria de gráficas, a mais importante da Europa nesse período. E a nascente indústria da seda, que Francisco I incentivou.

Acompanhei a Revolta dos Burgueses, que lhes deu o direito de auto-administração e, sobretudo, deu à cidade seu dístico oficial: *Adiante, adiante, Lyon, a melhor*.

Dali a pouco atingi o momento em que Lugdunum reflorescia, ao ser elevada ao *status* de Primazia das Gá-Iias, que veio a fazer renascer o comércio e a prosperidade econômica, consolidando a mudança de seu nome para Lyon.

A viagem retrospectiva logo me conduziu ao século IX, quando verdadeiramente se iniciou o reflorescimento da antes importante cidade gaulesa.

Acompanhei os saques e morticínios sofridos pela *urbis* quando os bárbaros penetraram as fronteiras do agonizante Império Romano, pois sua posição e importância a tornavam alvo preferencial das hordas invasoras.

Pude também acompanhar o incêndio que devorou quase toda a cidade em 197, por causa das lutas entre generais romanos pelo controle daquela confluência de rotas comerciais terrestres e fluviais.

Os heróis da fé

Finalmente, apareceram os tempos da Lugdunum do reinado de Marco Aurélio. Pude acompanhar, de coração compungido e lágrimas de dor, os horrores das perseguições de 167 dos Mártires de Viena. Ante meu olhar horrorizado, desenvolveu-se o sadismo dos torturadores romanos, aplicando seus instrumentos de horror sobre os corpos dos inesquecíveis heróis da fé: Santos, Mamro, Vétio Epágato, Atalo de

Pérgamo, o médium — por todos reconhecidos — Alexandre, *frígido de nascimento e médico de profissão*¹⁵. Mas no meio de tanta dedicação ao Cristo de Deus, dois sobressaem: Pôntico, o adolescente de apenas 15 anos, que submetido às mais cruéis sevícias, manteve-se firme em sua confissão de fé, incentivado pelas palavras de estímulo da escrava Blandina. Eu me recordava das palavras escritas sobre ela, por Eusébio: *Cristo demonstrou que o que entre os homens aparece vulgar, deformado e facilmente depreciável, pela parte de Deus se considera digno de grande glória*¹⁶. Seus padecimentos, por dias seguidos, eram tocantes, e sua fidelidade aos ensinamentos de Jesus, inabalável. Os covardes torturadores tudo fizeram para dobrá-la, mas ela os venceu a todos e, finalmente, quando assassinada após inimagináveis suplícios, foi recebida por numes tutelares, de alta hierarquia espiritual, assim como todos que, naquela arena de dor, perderam a existência pelo amor do Cristo, para prosseguirem vivos na glória da imortalidade permanente.

Ante os meus olhos encantados, surgiu a figura de Irineu de Lyon e de todos os que transformaram Lugdunum na capital do cristianismo gaulês, preparando-a para no grande futuro acolher o Grande Missionário do Consolador.

Mas, após esse interregno inesquecível, a viagem no tempo prosseguiu. A cidade se transformou no aquartelamento romano, e podia acompanhar os trabalhos de Munácio Plancus, no monte Fourvière, fundando Lugdunum, Colina do Sol Nascente em gaulês, em 9 de outubro de 43 a.C., na confluência do Ródano e do Saôna, a qual viria a se tornar a capital da três Gálias.

O Druida

Agora, porém, a viagem se tornou mais veloz e não dava para fixar detalhes da paisagem. Finalmente, uma parada brusca. Na “Colina do Sol Nascente”, um carvalho sagrado estendia os ramos fartos e generosos. Debaixo da sua copa, um druida fitava o horizonte, onde as estrelas se elevavam, na trajetória normal de todos os dias. Aproximei-me dele. De repente, uma forma luminosa desenhava-se a seu lado, sem que eu pudesse distinguir a entidade da qual ela emanava. Nem pude perquirir muito, pois entrei numa espécie de fusão psíquica com o sacerdote celta. Envolvido na luz indescritível da entidade espiritual, o futuro se abria ante seus olhos e eu pude compartilhar-lhe a visão precognitiva.

O missionário do consolador

Era também noite. Mas agora via no momento uma grande cidade, envolvida na escuridão da meia-noite. Reconhecí de imediato: Paris. Seu aspecto era da capital francesa em pleno século XIX. Marginando o Sena, um fiacre corria por sobre o calçamento irregular, onde, de espaço, em espaço, poças de água denunciavam a chuva que caíra há pouco. O barulho das rodas no atrito com os paralelepípedos, bem como dos cascos ferrados do animal, quebravam o silêncio noturno, despertando um que outro mendigo que se abrigava do frio noturno, coberto com trapos ou jornais, nas reentrâncias dos cais da margem do rio.

A visão se concentrou no interior do veículo e, nesse momento, observei a figura do sacerdote druida se fundia com a do homem que se sentava ali, com o corpo ligeiramente sacudido pelo balouçar do fiacre. Mas fixando-lhe o rosto, pude reconhecê-lo de pronto: era o prof. Hipólito-Leão Denisard Rivail, o nosso querido Allan Kardec. Aí, pude entender o fenômeno: o druida que vira no passado gaulês estava ali reencarnado, como todos sabemos, inclusive pela assumpção do nome do passado, para encimar as obras que introduziram o Consolador no Mundo.

Emocionado, acompanhei a trajetória do veículo, frente a frente com aquele homem que aprendi a respeitar e amar pela sua capacidade intelectual, sua enfiatura moral e, acima de tudo, sua jovialidade de espírito, a qual permitia que aos cinquenta anos tivesse a capacidade de realizar uma tarefa que em geral só é realizável entre os vinte e trinta anos de idade, quando a alma está aberta para o novo e não teme o inesperado.

Quando o fiacre parou, estávamos em frente ao condomínio da Rue de Martyrs, número oito. Saltando, após pagar a viagem ao condutor, dirigiu-se o Mestre para sua moradia, subindo a escada, subindo uma escada na parte dos fundos, até o segundo andar. Ali, abriu a porta com sua chave e ao entrar, uma voz de mulher perguntou:

— C'étais toi, Hippolyte?¹⁷

Ao que ele respondeu:

— Oui, ma chérie.

Dirigindo-se para uma saleta logo após a entrada, sentou-se numa cadeira em frente à sua mesa de trabalhos. Estava meditativo e, pelas suas projeções mentais, pude ver que estava chegando da primeira reunião mediúnica na casa dos Baudin. Sua mente trabalhava ativamente o problema das comunicações que assistira, as quais descortinavam uma nova perspectiva para resolver as tradicionais inquietações do homem quanto ao destino e à morte.

Nesse momento, a mesma luz que eu vira junto ao druida se fez presente. Tocado pelas irradiações sublimes, o prof. Hipólito se emocionou, sem conseguir explicar seu estado interior. Uma alegria incontida brotou dos refulhos de sua alma, acompanhada de intraduzível euforia. E, então, uma lágrima escorreu-lhe pela face.

Contagiado pela vibração que se fizera no ambiente, senti-me invadido por sensações semelhantes, e uma intuição me fez dobrar os joelhos contrito e reverente. Uma voz interior me sussurrava que eu estava na presença radiosa do Espírito da Verdade que vinha cumprir as promessas feitas a dois mil anos e dar ao mundo o Consolador, que recordaria a sua mensagem, e diria à humanidade tudo aquilo que não pudera dizer, sobre a vida, a imortalidade, as existências sucessivas, a comunicação entre “vivos” e “mortos” e a Lei iniludível de Causa e Efeito.

Conclusão

A *Consolidação Espírita*, monumental edifício de lógica e espiritualidade, havia se iniciado pelas delicadas mãos de duas jovens, as irmãs Baudin, conduzidas por *Zéfiro*, o bem humorado espírito que conduziu os trabalhos mediúnicos, de forma leve e brincalhona, até que o prof Rivail assumisse o controle da reunião, e com ele a equipe de espíritos superiores, sob o comando direto do Mestre de Nazaré. A humanidade, pois, encontrava-se outra vez na presença do Cristo, para receber suas amorosas instruções, agora sem o véu das parábolas, nem as figuras de linguagem que permitiam os desencontros das variadas interpretações, que tanto malefícios causaram, quando manipuladas pelos criminosos fanáticos do cristianismo paulinizado.

Hoje, graças à porta que Allan Kardec abriu entre o plano físico e o espiritual, pode-se pesquisar a realidade de além-túmulo sem que dogmas e mistérios interfiram, podendo a reflexão livre e as conclusões fidedignas da lógica. Começamos a adquirir, dessa maneira, a verdade que liberta. Não mais superstições, credices ou o império do *magister dixit*, mas o reinado do bom senso, do qual Allan Kardec, como bem ressaltou o eminente astrônomo Camille Flammarion, era a encarnação.

Como o Consolador, o Espiritismo mantém monolítica fusão com Jesus e seus ensinamentos, não tendo como dele se separar, a não ser na imaginação incendiada dos que temem seu aspecto moral cristão, moral essa que, segundo o próprio Kardec, é superior a todas as demais.

A Terra está em transição, saindo da etapa de provas e expiação para assumir a categoria de mundo em regeneração. A humanidade começa a sentir os efeitos da seleção automática de cunho moral, portanto vibratório, que vai se processando lenta, mas inexoravelmente. E sem qualquer dúvida, já podemos prelibar a materialização definitiva do Reino de Deus, para cuja implantação Jesus encarnou há dois mil anos. Desde então

¹⁵ * Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*, V, 49

¹⁶ *Idem*, V, 17.

¹⁷ ¹¹ “É você, Hipólito”

permanecemos em sua presença, pois, como Ele próprio nos assegurou, estará conosco até a consumação dos séculos.

Sobre o autor

Djalma Motta Argollo nasceu em Salvador, BA, em 27/5/1940. É bacharel em Ciências Estatísticas e analista de Sistemas de Processamento de Dados. Espírita desde 1958, quando passou a integrar a Juventude Espírita Manoel Miranda da União Espírita Baiana (hoje “Casa de Petitinga”, da Federação Espírita do Estado da Bahia - FEEB). Médiun e expositor, desde 1959 tem participado do Movimento Espírita e da divulgação do Espiritismo em nossa terra através de palestras e seminários em vários estados. Como escritor, tem colaborado em vários periódicos, espíritas ou não. É coordenador geral da AMAR- SE, AMAR - Sociedade de Estudos Espíritas, na cidade de Salvador-BA, onde reside atualmente.

Livros publicados:

Encontro com Jesus, 1989, atualmente na 3ª edição. *O Novo Testamento: um Enfoque Espírita*, 1994, atualmente na 2ª edição (esgotada).
Espiritismo e Transcomunicação, 1994, atualmente na 2ª edição.
O Sermão do Monte) 1993, atualmente na 2ª edição. *Possibilidades Evolutivas*, 1994.
Quando o Amor Veio à Terra, 1996, atualmente na 2ª edição.
“*Ensina-nos a Orar...*” 1996, atualmente na 3ª edição. *A Trajetória Evolutiva do Espírito*, 1997.
Evangelho Conforme Mateus, 1997.
O Reflexo do Cristo: episódios da vida de Francisco de Assis, 1998, 1ª edição.
A Dimensão Humana do Cristo, 1999.

Próximos lançamentos:

A Dimensão Psicológica do Cristo Visão do Futuro

